

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Um perito em busca da verdade



Título: Um perito em busca da verdade
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2016: APS2014

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Carlos Marques
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro, S.A.
Tiragem: 5000 exemplares
ISBN: 978-972-98847-7-1
Depósito Legal n.º 000000/16

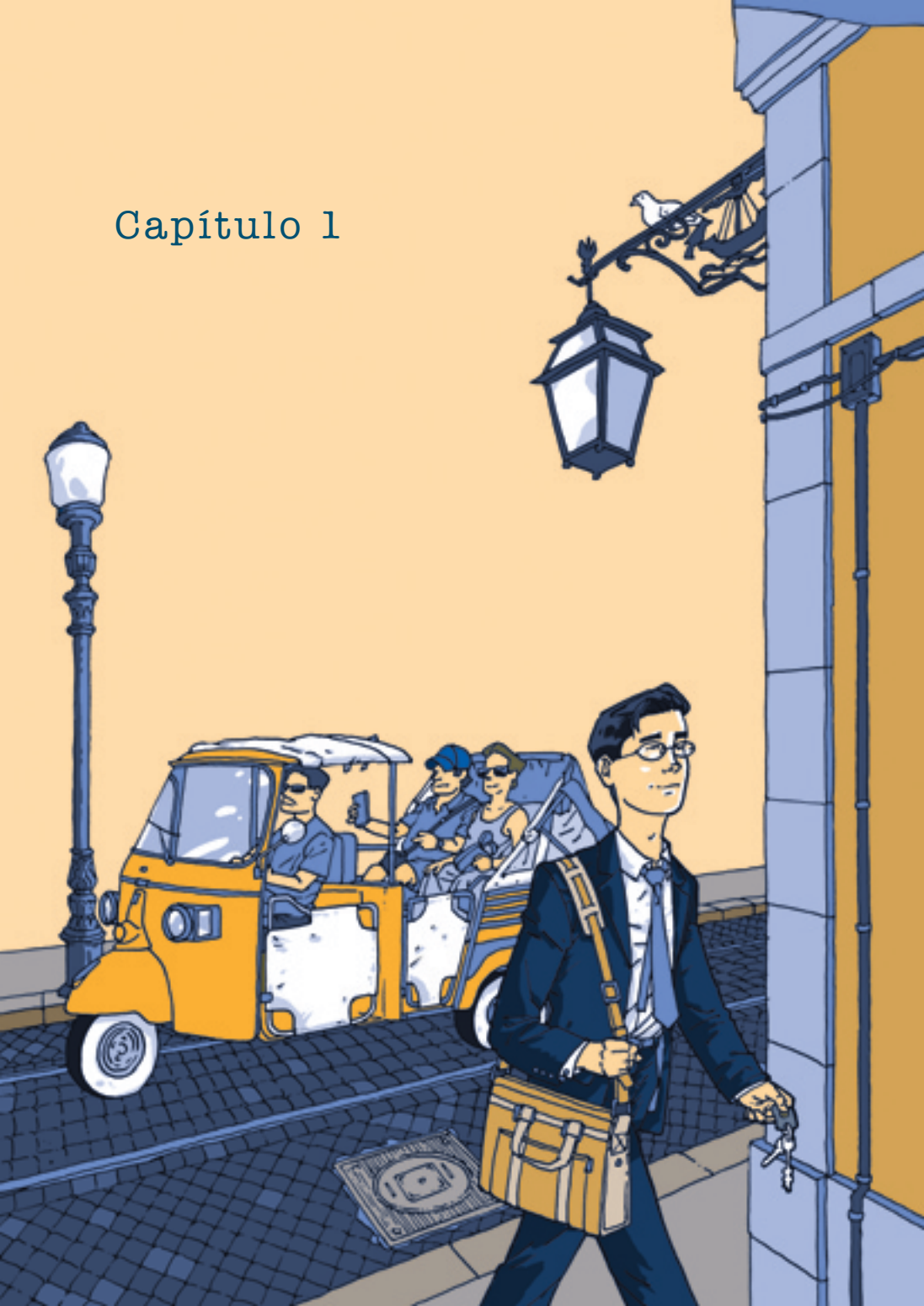
1.ª edição – outubro 2016

Um perito
em busca da
verdade

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Um perito em busca da verdade

Capítulo 1



Luís e Astolfo

Quem reparasse naquele rapaz de fato e gravata que caminhava em passo acelerado pelas ruas movimentadas da baixa lisboeta, sem prestar a mínima atenção ao que o rodeava, havia de pensar que tinha tarefas urgentes a cumprir ou que se atrasara para um encontro importantíssimo. Mas o que fazia correr Luís Cunha era o desejo imperioso de entrar em casa a tempo de ver cair a tarde, espetáculo de que ainda não se cansara apesar de viver num sótão com vista para o rio há mais de seis meses.

Percorreu os últimos metros do passeio sem abrandar a marcha, entrou no prédio e literalmente mergulhou no elevador minúsculo, encaixado no espaço exíguo que a escada

com mais de duzentos anos de existência disponibilizava. Obra inteligente de um arquiteto, que adquirira o edifício em ruínas para o restaurar. Mantivera a fachada antiga, dividira o interior em apartamentos confortáveis, modernos e depressa os alugara por bom preço. Luís escolhera o do sótão por dois motivos óbvios: era o menos caro e o que tinha melhor vista sobre os telhados da cidade, o Tejo, a outra banda. A esses associava um de carácter particular que até então preferira manter em segredo. Aquela casa, que era a primeira inteiramente sua por ali viver sozinho e pagar a renda sem ajuda de ninguém, proporcionava-lhe um prazer idêntico ao dos esconderijos que tanto o divertiam em criança. Para isso contribuía o facto de o elevador não chegar ao sótão. A viagem ascendente na caixa metálica terminava no quarto andar. Daí em diante era necessário subir catorze degraus, ocultos pela portinha que o criativo arquiteto entendera por bem, e bem, camuflar em painéis de madeira. E assim, quem não reparasse na porta ficava sem saber que havia mais um apartamento no topo do edifício. O seu. Tencionava protegê-lo da curiosidade alheia enquanto fosse possível.

A família protestava, os amigos também e as perguntas sucediam-se sem grandes variantes.

- Quando é que nos convidas para ir a tua casa?
- Logo que ficar pronta.

Ora pronta estava quase desde o início. Sendo pequena, não precisava de muita mobília e ele decidira reduzir a decoração ao estritamente indispensável.

No quarto, apenas cama, suporte a funcionar como mesa de cabeceira, um armário para a roupa. Na sala, cuja parede lateral esquerda fora transformada em cozinha, nada mais do que estante, mesa logo atafalhada de dossiês e papéis mas de modo a deixar espaço para o computador. E uma cadeira.

- Tudo o que não é necessário é excessivo, rendi-me ao minimalismo — repetia de vez quando, satisfeito com a sobriedade do ambiente. Permitira-se no entanto uma exceção, o sofá. Embora de linhas simples e forrado com tecido liso, era amplo, confortável, cheio de almofadas para se deitar ao comprido e dormir ali quando lhe apetecesse ou para se recostar em qualquer posição de olhos postos na enorme janela virada para o rio.

Naquele dia, a luz do entardecer pareceu-lhe ainda mais bela que de costume. Tirou o casaco, libertou-se da gravata e deixou-se cair no sofá onde permaneceu em silêncio, deslumbrado com as diferentes tonalidades que as

águas do Tejo iam adquirindo à medida que o sol declinava, preso ao movimento incessante dos barcos que faziam a travessia nos dois sentidos, à espera do momento em que se acenderiam as luzes da margem sul, espetáculo que apesar de certo e seguro, lhe provocava aquela espécie de sobresalto habitualmente associado a imprevistos.

— Ora aí estão elas no seu esplendor!

Conforme era costume em ocasiões semelhantes, reclamou contra a Natureza que o dotara de grande sensibilidade visual e de invejável capacidade de observação, sem lhe atribuir talento para a pintura.

— É injusto, muito injusto!

O medo de cair no ridículo impedia-o de partilhar pensamentos do género fosse com quem fosse, mas há muito que se entretinha a analisá-los e nas horas vagas questionava-se. Se tivesse nascido apto a manusear tintas e pinceis, daria vida às telas reproduzindo fielmente os contornos do que admirasse, ou seguiria o exemplo dos artistas que ignoram as formas concretas e se aplicam a representar cores puras, sensações difusas, ideias, conceitos abstratos?

Estas e outras interrogações só emergiam no mundo alternativo onde dava livre curso à outra faceta da sua personalidade e assumia o segundo nome próprio, aliás comple-



tamente disparatado, que o pai insistira em acrescentar ao primeiro: Astolfo. Nome que na infância o martirizara por ser motivo de espantos e troça, mas que agora praticamente só a família mais próxima conhecia e nunca utilizava.

Para os amigos, colegas de trabalho, clientes, ele era o Luís Cunha. Na verdade porém chamava-se Luís Astolfo da Cunha. Não conseguia lembrar-se da data certa em que decidira adotar o nome do meio como identificação para face-ta oculta da sua dupla personalidade, mas congratulava-se com a escolha porque não podia assentar-lhe melhor.

Estendido no sofá e ansioso por sossego absoluto, esteve vai não vai para desligar o telemóvel. Não o fez e o aparelho tocou. Se pudesse, não atendia, mas o nome que apareceu no visor impunha-se.

— Filipa?

— Sim, sou eu. Já não me conheces a voz?

— Claro que conheço. A tua voz é inconfundível.

Não mentira. O timbre quente e suave da voz daquela rapariga era um dos seus encantos. Bastava ouvi-la para sentir um alvoroço paradoxalmente reconfortante. Já tinha pensado várias vezes que se um dia enveredasse pelos caminhos de grande paixão, talvez fosse assim que tudo começava, mas não tinha a certeza e as dúvidas agravavam-se

porque o dito alvoroço se limitava a abalá-lo na pele de Luís sem beliscar nem ao de leve a de Astolfo.

Estranhando a falta de reação, Filipa interpelou-o:

- Ouviste o que eu disse ou adormeceste?
- Ouve-se mal.
- Então, espera. Talvez neste canto da casa haja pouca rede, vou lá para fora e já conversamos.

Capítulo 2



Filipa e os Gomes

- Afinal onde é que estás, Filipa?
- Neste momento, no jardim da casa da família Gomes a quem costumo prestar serviço de *babysitting*. Lembras-te quem são?
- São aqueles ricos que têm um filho chamado Diogo?
- Sim. Fui com eles ao Algarve para poderem sair à noite sem deixar o miúdo sozinho. Estavam previstas umas feriazinhas mas afinal só lá passámos uma noite.
- Porquê?
- Não sei. Alguém telefonou, algum imprevisto que não me explicaram.
- E então?

- Então, chegámos há bocado e encontrámos a casa assaltada.
- Ei, que balde de água fria! Roubaram muita coisa?
- Não. Foi um roubo cirúrgico.
- Só ouro, dinheiro e joias?
- Também não. A Marília já revistou as gavetas, e já abriu o cofre, não falta nada. E nem sequer desarrumaram a mobília, só limparam as paredes.
- Que ladrões simpáticos e higiénicos!

Luís percebera perfeitamente que se referia a pilhagem de quadros, mas apeteceu-lhe dizer uma graça a que ela não achou graça nenhuma.

- Deixa-te de parvoíces. Isto é sério, estou passada e a notícia também te vai afetar a ti.
- A mim, porquê? Nem sequer conheço esses Gomes de parte nenhuma! O caso afeta-me na positiva, pois sentiste necessidade de desabafar e escolheste-me a mim.
- Se gostas que te telefone, porque não me ligas de vez em quando?

A voz amaciara, tornando-se ainda mais sugestiva e sedutora. Luís deu consigo a bem dizer o assalto que lhe

proporcionava aquele agradável remate para um dia de trabalho bastante cansativo.

- Pena não estares aqui comigo.
- Pena que nunca me tenhas convidado.
- Havemos de tratar disso a curto prazo.
- Fico à espera. Entretanto deixa-me contar o resto da história que provavelmente também te incomodará.
- Só se eu fizesse parte da quadrilha e garanto-te que não faço. Juro que estou inocente.
- Para com brincadeiras, Luís. Para lá com isso e ouve.
- Sou todo ouvidos, começa.
- Sabes quem assinava uma das telas roubadas? Picasso.
- A sério? Então esses Gomes ainda são mais ricos do que eu pensava. Chamaram a polícia?
- Claro. Ainda andam lá dentro às voltas mas foram logo avisando que o caso tem que ser investigado pela Judiciária, porque o valor dos quadros ultrapassa meio milhão de euros.
- Eles tinham seguro contra roubo, não?
- Tinham e é por isso mesmo que te liguei. Adivinha lá qual é a seguradora.
- Nada mais fácil. Pelo que disseste, só pode ser uma, a minha, ou melhor aquela em que trabalho.

- É. Por isso amanhã quando receberem a participação, suponho que vai ficar tudo por lá em polvorosa à conta da pipa de massa que terão de pagar aos Gomes.
- Polvorosa seguida de grande trabalhadeira, porque é preciso averiguar se foi mesmo um assalto ou se o roubo não passa de encenação bem montada.
- Que ideia Luís! Conheço os Gomes há imenso tempo, não são pessoas para trafalhices.
- Talvez não. No entanto, lembro-te que quem vê caras não vê corações. E se se tratar de fraude para receberem o dinheiro do seguro, não seriam os primeiros a fazê-la e garanto-te que também não seriam os últimos. O que não falta por aí são pessoas respeitáveis por fora e aldrabonas por dentro.
- Mas não é o caso dos Gomes. Além disso foram ao Algarve e eu fui com eles. Sou testemunha.
- Podes garantir que não vieram a Lisboa?
- Posso.
- Então não saíram à noite?
- Saíram e chegaram tarde. Mas acho que não estiveram fora tempo suficiente para fazerem a viagem de ida e volta e julgo que nem saíram da festa com os amigos.

- Achas, julgas, enfim minha querida amiga, tudo isso terá de ser averiguado. E ainda há a hipótese do roubo por encomenda.
- A quem?
- A tipos que se dedicam a esse e outros géneros de falcatruas.
- Não acredito. O Guilherme Gomes é um colecionador fanático, adora os seus quadros quase como se fossem pessoas. Além disso é impecável, e também é podre de rico. Tenho a certeza que nunca lhe passaria pela cabeça encomendar assaltos.
- Será como dizes. Em todo o caso, a Judiciária vai averiguar o que se passou e a seguradora também.
- Como?
- Enviando ao local um perito averiguador com experiência, que seja de toda a confiança para evitar possíveis subornos e de grande qualidade para evitar enganos.
- Alguém como tu?
- Talvez. O ano passado tive um prémio especial. O diretor elogiou o meu trabalho, pode ser que me encarreguem do caso e me despachem para Cascais.
- Oxalá! Se vieres, avisa para nos encontrarmos. Agora tenho que desligar. Até amanhã!

Luís enterrou-se mais fundo nas almofadas e ficou imóvel, absorto, entretido a avaliar qual a dose de entusiasmo daquele «oxalá», tão pronto e tão obviamente sincero.

— Para simples amizade, parece-me demais. Para amor, de menos. Como é que ainda ninguém se lembrou de dar nome ao sentimento intermédio?

Em casa dos Gomes, Filipa fora reabsorvida pelo des-norteamento coletivo. A polícia constatara que não havia portas ou janelas arrombadas nem fechaduras forçadas. E como a casa tinha alarme em todas as divisões por onde se podia entrar, não deixava de ser estranho que nenhum tivesse disparado.

Depois da conversa com o Luís, tornou-se claro para Filipa que os agentes da PSP também desconfiavam dos donos da casa embora não o dissessem abertamente. Mas o casal, pelo menos na aparência, não se apercebera que podia ser suspeito de fraude.

Guilherme mostrava-se inconsolável com o desaparecimento da sua preciosíssima coleção de pintura e, numa ansiedade crescente, repetia as mesmas perguntas.

— Vale a pena investigar, não vale? Já recuperaram obras de arte, não é verdade?

As respostas soavam evasivas.

- Vale sempre a pena investigar.
- Mas em geral estes casos demoram o seu tempo a resolver.

Marília andava de um lado para o outro, de cabeça baixa, como uma galinha tonta à procura de grãos de milho. Tinha corado até à raiz dos cabelos quando se falou nos alarmes e lhe perguntaram se se lembrava de os ter ligado antes de partir.

- Não sei, não sei! Tu já estavas no carro a apitar, o Diogo aos berros «mãe, mãe, não demores, vamos embora», se calhar esqueci-me!

Pouco dispostos a presenciar cenas conjugais que nada adiantavam à investigação, os agentes decidiram abreviar o interrogatório. Num tom ameno e até roçando a gentileza, um deles insistiu:

- A senhora tem a certeza de que nunca entregou uma chave à empregada, ao jardineiro ou a outra pessoa qualquer?
- Tenho a certeza absoluta.
- Bom, então por agora...

Preparavam-se para sair, Marília sabia perfeitamente que mal saíssem ia ter que suportar uma discussão e preferia que o filho não assistisse. Procurou-o com o olhar e ficou

irritadíssima quando deu com ele semiescondido atrás do sofá a filmar tudo o que se passava na sala com o telemóvel.

- Diogo, para com isso e vai para a cozinha.
- Fazer o quê?
- Comer.
- Não me apetece. E não deve haver nada no frigorífico.
- Que disparate! Ó Filipa, por favor descongele qualquer coisa para ele não se deitar de barriga vazia.

O filho lançou-lhe aquele olhar impenetrável que fazia confusão aos adultos por ser pouco comum numa criança de nove anos, mas obedeceu e acompanhou a Filipa à cozinha onde ambos ouviram a porta da rua bater. Através da janela viram o carro da polícia afastar-se, e logo de seguida puderam acompanhar o berreiro que estalou entre o casal.

- A culpa é tua!
- Minha?
- Sim, porque nunca estás bem onde estás! Se não fossemos para o Algarve, nada disto acontecia!
- O problema não sou eu, Guilherme! São as tuas malditas coleções que transformam a nossa vida num inferno!
- Há milhões de pessoas que adoravam ter este inferno!
- Milhões gastas tu a comprar quadros que não passam de trambolhos, riscos e bolas de cor, sem arte nem graça.



- Não digas cavalidades, que te fica mal. És uma mulher inteligente.
- Pois sou, inteligentíssima. Por isso mesmo é que não aceito esta vida estúpida! Podíamos ter um barco, fazer cruzeiros com amigos, comprar uma quinta para passar os fins de semana, ir ao Japão, dar a volta ao mundo, sei lá! Podíamos fazer tanta coisa interessante e divertida e estamos sempre para aqui, feitos parvos, a guardar telas que não têm ponta por onde se lhes pegue!

Na cozinha, ouviam a gritaria num silêncio confrangido. Filipa lamentava que o casal não se dominasse para poupar o filho. Diogo mantinha-se de olhos baixos, imóvel, na atitude de quem escuta em suspenso porque espera o desenrolar de uma cena que já conhece. Ergueu a cabeça quando soaram os passos apressados da mãe pela escada acima e murmurou:

- Falta o museu...

Pouco depois, a frase ganhou sentido porque a mãe voltou a descer a escada, entrou na sala e atirou ao ar a última queixa:

— O lugar das obras primas é nos museus! Verdadeiras ou falsas, bonitas ou feias, antigas ou modernas, é lá que devem estar e quem quiser ir vê-las, que vá. Em casas particulares só dão despesa e dores de cabeça!

Aliviada, galgou os degraus para o andar de cima ruidosamente. Diogo encolheu os ombros e começou a comer a sopa acabadinha de descongelar. Pelos vistos a cena era recorrente lá em casa, ele já assistira e talvez até já nem se deixasse impressionar muito. Filipa ainda tentou interpretar-lhe a expressão para ficar a saber se ele concordava com o pai ou com a mãe, mas esbarrou no olhar de veludo negro, impenetrável e profundo, que a desconcertava a ela e a toda a gente.

Capítulo 3



Luís e Ricardo

Luís Cunha foi o perito nomeado para averiguar todos os pormenores relacionados com o assalto à casa dos Gomes. Instalado ao volante, enviou um *sms* à Filipa apenas com cinco palavras «vou a caminho janta comigo». Depois saiu do parque de estacionamento e abrandou a marcha, hesitante.

- Sigo pela autoestrada para chegar mais depressa ou dou-me ao luxo de ir pela marginal?

Naquela bendita manhã de céu azul e atmosfera límpida, já fora obsequiado com dois prazeres que, sendo completamente diferentes, se equivaliam em força e deleite: ter sido ele o escolhido para a averiguação, necessaria-

mente difícil e delicada sobre o estranho roubo de que fora vítima o belíssimo cliente da seguradora que era Guilherme Gomes, e a expectativa de ver Filipa e jantar com ela.

— Bom, se não há duas sem três, opto pela marginal.

Apesar da lentidão imposta pelos limites de velocidade, pelas lombas e pelos semáforos, não se arrependeu da escolha.

— Pressa e *stress* só servem para criar confusão!

De olhos postos no rio que orgulhosamente se dilata e engrandece antes do inevitável mergulho no oceano, concluiu pela enésima vez ser absurdo o facto de não aproveitar com mais frequência aquele trajeto entre Lisboa e Cascais cuja paisagem nunca desilude. Espraiou a vista pelas águas tranquilas, de um azul intenso, onde deslizavam navios carregados de contentores que ele, na pele de Luís Cunha, encarava como simples meios de transporte para mercadorias, mas na pele de Astolfo se permitia imaginar serem gigantes a deslocarem-se vagarosos, silenciosos, rumo a um destino envolto em mistério.

— Nada de sonhos, estou em trabalho!

Já decidira onde se dirigir em primeiro lugar, antes porém recapitulou todas as informações que lhe tinham dado na seguradora. Guilherme Gomes era cliente há muito

tempo, um bom cliente e uma pessoa com quem até então nunca houvera problema nenhum. Enriquecera nos últimos anos com as suas fábricas de sapatos e escolhera-os a eles para todos os seguros obrigatórios e facultativos.

No escritório tinham-lhe mostrado o dossiê que continha a apólice e as fotografias dos quadros roubados, legendadas com o nome dos respetivos artistas e com as dimensões de cada quadro e de cada moldura. Todos tinham sido autenticados por especialistas, um dos quais estrangeiro. Luís Cunha fora também informado em pormenor a respeito das estranhíssimas condições em que se processara o assalto e ficara contentíssimo por saber quais os agentes da PSP a tomarem conta da ocorrência. Decidira iniciar as investigações pela esquadra onde trabalhavam esses agentes por um motivo bem simples: conhecia-os de longa data e um deles, o Ricardo fora até seu colega de escola. Conforme esperava, receberam-no de forma cordial, amistosa e a conversa decorreu solta e fácil. Ricardo descreveu minuciosamente o que acontecera naquela noite e nem esperou pelas perguntas para lhe dar as respostas.

- Luís, com certeza na seguradora já te disseram que não há portas arrombadas nem fechaduras forçadas.
- Disseram, sim.

- E quanto aos alarmes...
- Também já recolhemos informações junto da empresa responsável. Sabemos que estavam ligados e foram calmamente desligados por alguém que conhece o código.
- O problema é que o casal garantiu que só eles os dois têm as chaves e conhecem os códigos.
Luís encolheu os ombros.
- Até podem julgar que assim é. No entanto, parece-me quase impossível que nunca tenham emprestado a chave a uma empregada de confiança, a uma pessoa de família, a um amigo próximo. E os códigos, qualquer pessoa que veja ligar e desligar pode decorar os números.
- Claro. Em todo o caso, insistiram que só eles os têm, que só eles sabem...
- Pareceram-te em sintonia?
- Não, Luís. Ele mostrava-se realmente transtornado com o desaparecimento das obras de arte. Transtornado e inconsolável. Mas ela...
- Ela?
- Ela estava nervosíssima, e aflitíssima.

- Como quem tem culpas no cartório?
- De certo modo, sim. Irritada, insegura, e disse que não se lembrava se tinha ou não tinha ligado o alarme antes de irem para o Algarve.
- E pareceu-te que dizia a verdade ou mentia?
- Não sei. Mas se mentiu, é parva. Ela tem obrigação de saber que as empresas responsáveis pelos alarmes ficam com tudo registado e podem dizer a hora exata em que alguém ligou ou desligou um alarme. O que aliás já fizeram.
- E bate tudo certo?
- Hum... em parte. À hora do assalto eles realmente estavam no Algarve e foram a uma festa com imensa gente. Todos os que contactámos confirmaram que só saíram ao nascer do sol.
- Então, só há duas hipóteses: estão inocentes ou encomendaram o roubo para receber o dinheiro do seguro, não é?
- É, meu caro Luís. Mas a partir de agora não é connosco. O processo já passou para as mãos da Judiciária devido ao valor exorbitante que foi atribuído às obras.
- Que querias? Até têm um Picasso!

O velho amigo de Luís Cunha riu e propôs-se pô-lo em contacto com um tal Zé Maria inspetor da Judiciária. Depois deu-lhe uma pancada nas costas ao jeito de despedida.

— Gostava imenso de almoçar contigo, mas não posso, tenho um compromisso. E gostava de te ajudar mais nas investigações, mas já sabes tanto como eu.

Encaminharam-se para a porta da esquadra, apertaram as mãos, Luís saiu, depois voltou atrás.

— Olha lá...

— Diz.

— Na zona onde fica a casa dos Gomes há um cafezinho ou pequeno restaurante onde seja costume os vizinhos encontrarem-se?

Ricardo endereçou-lhe um olhar aprovativo.

— Há, sim. E é onde as empregadas daquelas casas habitualmente compram pão. A esta hora já toda a gente sabe o que aconteceu aos Gomes e as velhotas do chá e pastel de nata não devem falar de outro assunto.

— Vou lá tomar outro pequeno almoço.

— Boa, Luís! Devias ter escolhido carreira de detetive.

— Sou perito. Perito é detetive. Até breve!



A praceta octogonal que o amigo lhe indicara não podia ser mais agradável, com o seu jardimzinho bem cuidado.

O tal café, que tinha o nome de *Pastelaria Chique* exalava um delicioso cheiro a pão quente e a bolos. As mesas estavam quase todas ocupadas por mulheres maduras que ou tinham optado por reformas antecipadas ou talvez nunca tivessem trabalhado. As naturalmente magras bebiam chá acompanhado por torradas, as que se preocupavam em manter a linha sacrificavam a torrada e ficavam-se pelo chá, as de formas irremediavelmente opulentas comiam bolos. Luís Cunha comprou um jornal, sentou-se numa das poucas mesas vagas, pediu um café e uma água, fingiu concentrar-se na leitura e apurou os ouvidos. Não se enganara o velho amigo dos tempos de escola, pois ali não se falava senão do assalto à casa dos Gomes. Os comentários repetiam-se, em círculos, por cima das mesas, quase todos a respeito da insegurança, da falta de policiamento da zona, do muito que se tolera aos ladrões e do muito que se massacra o bom cidadão. Entre as pessoas que tinham relações de amizade ou pelo menos alguma proximidade com o casal Gomes quase todas simpatizavam muito mais com o Guilherme, o marido, do que com Marília, a mulher. Não foi preciso muito tempo para que Luís se apercebesse de que o sentimento

dominante em relação a ela era de inveja. Faltava saber porquê. Curioso, decidiu permanecer ali à espera dessa e de outras revelações que lhe pudessem ser úteis. Aprendera há muito o valor da tagarelice solta na busca da verdade, pois as pessoas formalmente interrogadas, mesmo quando não têm intenção de enganar, com frequência dão respostas sobre o que não sabem para ficarem bem vistas ou tentam corresponder ao que julgam mais conveniente.

No exercício da profissão aperfeiçoara a capacidade de observador semi invisível, sempre que necessário. Continuou pois a fingir que lia o jornal, mas como as revelações significativas tardassem, acabou por enviar uma mensagem à Filipa a dizer onde estava e a desafiá-la a aparecer por lá.

Capítulo 4



Marília

Sem a menor paciência para ouvir lamúrias ou participar em discussões, Marília dirigiu-se ao ginásio bastante mais cedo do que era necessário e foi um alívio bater com a porta e caminhar balançando-se no passo elástico que os sapatos de ténis, especialmente confortáveis, permitiam. Adoraria esquecer tudo o que se relacionasse com o assalto, mas por muito que se esforçasse não era possível. Por sorte, encontrou no átrio uma companheira de exercícios e danças latino-americanas que a professora de vez em quando propunha ao grupo. Talvez por nunca terem mantido convívio fora das aulas, pareceu-lhe a pessoa ideal para um desabafo e não pensou duas vezes. Sentada no mesmo banco de

madeira corrido, encostou-se à parede e embalou em queixas e confidências despropositadas.

A interlocutora, embora surpreendida, deixou-a a falar sem interromper.

— Sei que muita gente nos inveja, inveja doentia, por causa do sucesso das fábricas de calçado do meu marido, mas esquecem-se que se dão lucro não é por sorte, nem por acaso. Ele tem muito faro para os negócios e trabalha até demais.

Sem saber o que dizer, a outra limitou-se a um aceno de compreensão.

— As pessoas em geral não sabem que quando ele herdou o negócio, só havia uma fábrica e estava falida. Mas as que sabem, ou por acaso ficam a saber, reagem todas da mesma maneira, ou seja lamentam o primo.

— O primo? Não percebo.

— Claro. É que não me estou a explicar bem, não disse tudo. O meu marido herdou a fábrica do avô, a meias com um primo direito.

À maneira de quem está a escrever e abre parêntesis numa frase, acrescentou:

— O primo Gaspar. A família tinha a mania dos nomes começados por G em memória não sei de que bisavô que



se chamava Germano. Eu fui a primeira a ter coragem de quebrar a tradição. Para o meu filho escolhi Diogo e fiz finca pé.

— Ah!

Apesar de haver um relógio pendurado na parede a rapariga consultou o relógio de pulso na esperança vã de ver os ponteiros avançarem mais depressa, pois não sabia como participar naquela conversa. Marília ignorou o gesto de impaciência e perguntou-lhe:



- Estou para aqui a falar e nem sei o seu nome. Como se chama?
- Gisela.
- Oh! Que gafe! Também começa por G e se calhar em homenagem a alguma avó.
- Não, não. Lá por casa não se cultivam essas tradições.
- Ainda bem. Eu não alinho em ideias pré concebidas, odeio repetir o que os outros dizem ou fazem, gosto de inovar.



Agora parecia aliviada e até bem disposta.

- Eu e o Guilherme discutimos a respeito de quase tudo, mas no fundo até gostamos do debate e não podemos viver um sem o outro.

A voz adquirira um tom íntimo que levou Gisela a baixar os olhos. No entanto não podia negar que ficara curiosa. Seria possível que aquela mulher se preparasse para lhe contar mais do que devia? Entre aliviada e desiludida, percebeu que não.

- Estou convencida que as minhas teorias contra ideias feitas acabaram por ser úteis ao Guilherme. Porque ele decidiu inovar. Foi a feiras de calçado, feiras internacionais, contratou bons *designers* e tipos com ideias de marketing moderníssimas. Em pouco tempo, começou a vender sapatos para o mundo inteiro, abriu outra fábrica e não tem mãos a medir com tantas encomendas. É um homem fabuloso!

A expressão transbordava orgulho, admiração e talvez até amor.

- O negócio tornou-se um êxito. O pior é que quando juntou o suficiente, entregou-se à paixão desvairada pela pintura de modo que boa parte do dinheiro entra por um lado e sai por outro, direitinho para as leiloei-

ras e galerias de arte. E a nossa vida, a pouco e pouco, tornou-se um inferno.

- Olhe que há infernos bem piores.
- É o que ele diz. Mas francamente, que seca! Ao princípio ainda ia com ele de leilão em leilão, e dava sugestões para a escolha das paredes onde os quadros ficariam melhor. Depois desinteressei-me e farto-me de reclamar.
- E ele?
- Respinga, claro! Mas atura-me porque me adora.

O sorriso aberto evidenciava plena confiança no que dizia. Gisela invejou-a pela primeira vez naquele momento. Bonita, elegante, confiante, riquíssima, idolatrada pelo marido, dona de uma casa certamente esplêndida e de uma magnífica coleção de pintura, como ousava queixar-se? Há realmente quem não saiba reconhecer os privilégios que lhe couberam em sorte!

Para não deixar transparecer o que pensava e sentia, repescou o assunto primos.

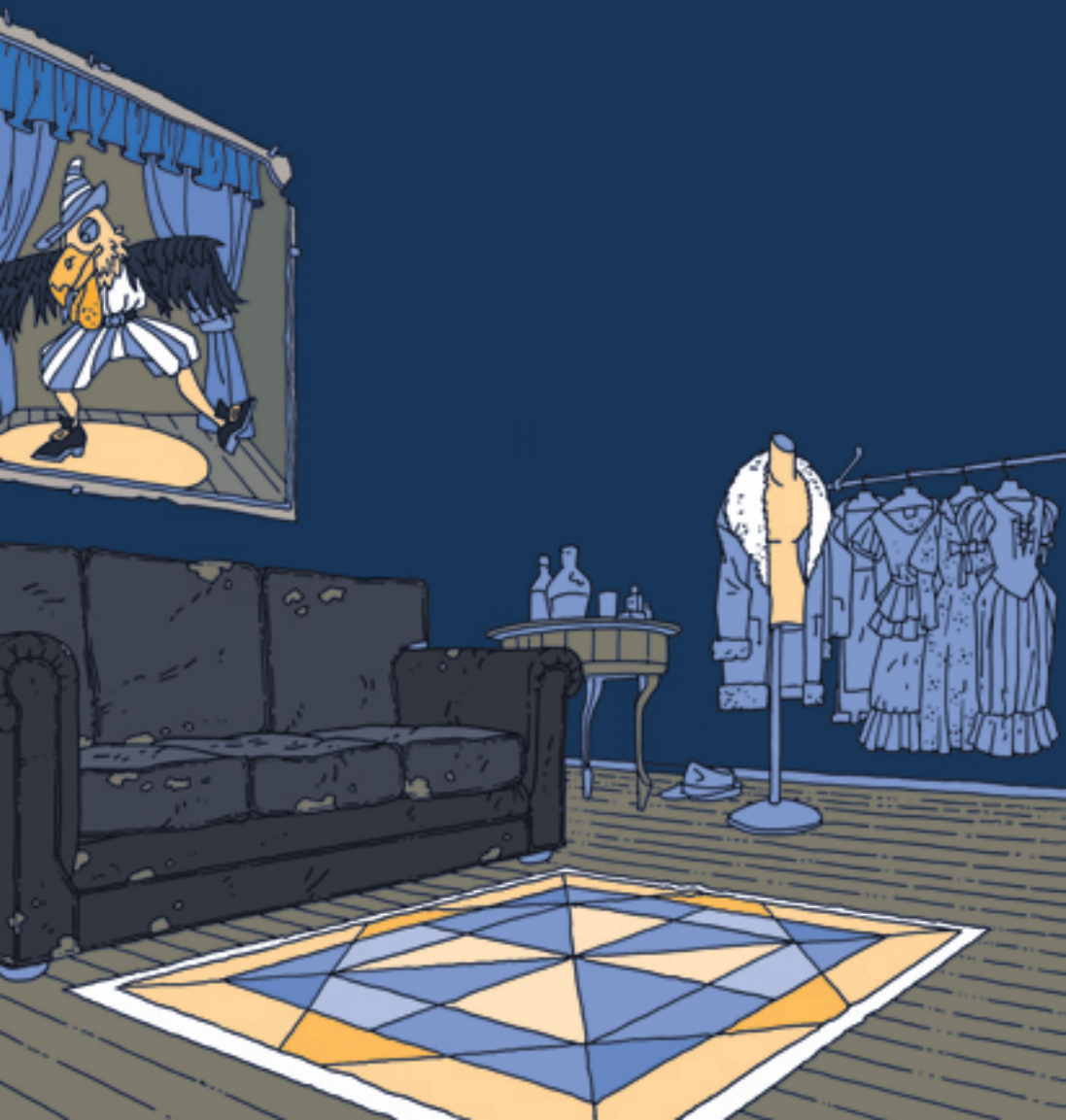
- As pessoas lamentam esse tal primo Gaspar, porque ele discorda da maneira de aplicar os lucros da empresa?
- Não! Ele já não tem nada a ver com o negócio. Quando herdaram a fábrica falida, não esteve para se maçar

e vendeu a parte dele ao meu marido. O que foi ótimo, pois nunca se entenderiam como sócios. O Gaspar trabalha numa agência de viagens e nas horas vagas dedica-se ao *fitness*. Para ele, sapatos topo de gama são ténis de marca. Mas é um tipo com graça, passa a vida lá em casa, damo-nos lindamente e até é capaz de fazer coro comigo numa troça amigável às coleções de pintura. Sempre na brincadeira, porque é um gozão. As mulheres perdem a cabeça com ele e não admira pois não pode ser mais atraente. E assim, olhe, só coleciona namoradas. Já nos apresentou uma infinidade e de todos os tipos. Mais velhas, mais novas, simpáticas, intrigáveis, enfim! Esta última por acaso é gira e ele está ou parece estar apaixonadíssimo. É atriz, pertence a um grupo de teatro, no outro dia fomos vê-la representar, tem um jeitão. Cá para mim, não tarda a ser cabeça de cartaz ou a dar o grande salto para estrela de série televisiva ou de cinema. Eu até lhe disse: *Joana, quando o teu nome aparecer no cartaz em letras gordas, dou-te um presente surpresa!* Sabe o que me apetecia dar-lhe? Um quadro, para me ver livre de um quadro. Mas os ladrões fizeram-me esse favor. Abençoada ladroagem!

Quando recebermos o dinheiro do seguro, vou tentar convencer o Guilherme a não comprar mais.

O sorriso aberto, pleno de satisfação, levou Gisela a invejá-la pela segunda vez. A terceira foi em plena aula, quando ambas se esforçavam por imitar os exercícios propostos pela professora. Após a gravidez e apesar de dietas rigorosas, ainda não recuperara as formas, nem a firmeza dos músculos. Como não invejar Marília a quem o tal filho Diogo pelos vistos não deformara um milímetro, pois mantinha a elegância de uma adolescente?

Capítulo 5



Joana e Gaspar

Joana tinha acabado de saber que não seria ela a protagonista da peça de teatro seguinte conforme esperava. A notícia equivalera a um murro no estômago pois nunca lhe passara pela cabeça que o estúpido do diretor se atrevesse a dar o papel a outra atriz do grupo e muito menos que preferisse convidar uma pessoa de fora. Apetecia-lhe gritar, berrar, esbofetear alguém e virar costas aquela equipa. Os pensamentos, num turbilhão de revolta, faziam-na reviver cenas dos últimos meses e quanto mais recordava, mais furiosa ficava. Porque o diretor várias vezes lhe dissera que estava satisfeitíssimo com o trabalho dela e não a deixara candidatar-se a um anúncio para a televisão, pago a peso de ouro,

por entender que lhe podia prejudicar a carreira no teatro: *És uma atriz cheia de talento, Joana. Não pactues com vulgaridades que te podem desviar do caminho certo.* O idiota! Qual caminho? Continuar eternamente a desempenhar papulachos naquela companhia de teatro tão inovadora e ousada que só uma parcela ínfima de público apreciava, entendia e pagava para ver? Se pudesse, teria feito uma cena digna de ser recordada para sempre por ele e pelos colegas antes de bater com a porta. Mas de facto ainda não se encontrava em condições de poder fazê-lo, não teve outro remédio senão engolir em seco, chamar a si toda a arte de representar e até aplaudir a intrusa como se aprovasse vivamente a escolha e a futura parceria. Depois aguardara o momento certo para ir enfiar-se sozinha no camarim, onde esmurrou aplicadamente as almofadas do sofá que talvez tivesse começado por ser preto e passara à categoria de cor indefinida graças ao muito uso e à ausência de remodelação.

— É o que me vai acontecer a mim, se não me despacho.
Tenho mesmo que dar a volta à vida.

Sentada no banco diante do espelho contemplou-se longamente para cimentar conclusões a respeito da sua aparência. Conclusões objetivas:

Recorte da face muito razoável. Pele excelente e rugas ainda zero. Boca fina. Olhos de um castanho perturbadamente claro que não perdiam se fossem mais pestanudos. Bonita, sim. Deslumbrante, não. Em todo o caso, a boa figura e a força interior aliadas à capacidade de representar qualquer papel hão-de levar-me bem longe!

Conforme era seu hábito desde a infância, pôs-se a ensaiar emoções ao espelho e conforme vinha sendo habitual nos últimos tempos, o resultado devolveu-lhe a boa disposição pois confirmava a sua extraordinária mobilidade facial. Trejeitos, olhares, posturas, e a cara modificava-se ora transmitindo alegria, ora tristeza, desinteresse, cansaço, sono, curiosidade, ternura, amor, paixão.

- Sou o máximo. Ninguém pode negar que sou uma grande atriz, só que ainda não tive a sorte de ser descoberta pela pessoa certa! E como isso pode tardar ou nunca acontecer e não estou disposta a passar a vida à espera de melhores dias, tenho mesmo de procurar outras soluções.

A figura atlética de Gaspar emergiu na penumbra do camarim com mais nitidez do que se estivesse presente.



E ela suspirou, menos apaixonada do que revoltada por ainda não se sentir certa e segura da sua ascendência sobre aquele espírito frágil sim, mas escorregadio.



- Bom, já demos um primeiro passo, veremos se ele leva o projeto até ao fim. Vou-me arranjar e depois, mais calma, telefono-lhe.

Gaspar acabava de atender a cliente que o massacrava à conta de viagens surpresa que queria oferecer aos filhos e aos netos nas férias de Verão e nas férias do Natal. Como não devia ter mais nada que fazer, tanto aparecia na agência de viagens cedíssimo, antes mesmo de ele ter tido tempo de ligar o computador, como à hora em que se preparava para o desligar e sair do escritório infernal para onde os donos da agência tinham tido a triste ideia de se mudar. A velha senhora elegera-o como o preferido entre todos os funcionários, se fosse necessário esperar, esperava alegando que estava habituada a entender-se com ele, depois fartava-se de barafustar por ter estado à espera, por fim dava início aos intermináveis pedidos de informações e sugestões que depressa esquecia pois era perfeitamente capaz de voltar no dia seguinte e recomeçar do princípio. Não raro decidia tudo sobre que datas, que voos e que hotéis, para mudar de ideias e alterar tudo da manhã para a tarde. Curiosamente, os filhos e os netos nunca apareciam, pelos vistos não tinham voto na matéria, pois submetiam-se ao que lhes oferecesse.

— Enfim, quem paga é que manda.

Sem querer, dera voz ao pensamento, a colega que trabalhava mais perto ouviu e estranhou.

— O quê?

- Nada. Estava a pensar que nesta nossa atividade conhecemos todo o tipo de pessoas e algumas são verdadeiras aves raras.
- Se conhecemos! Na semana passada então foi um verdadeiro desfile de gente exótica.

A pausa sem clientes permitiu que a conversa se generalizasse, todos tinham casos curiosos ou cómicos para contar, fartaram-se de rir. Gaspar, embora fingisse prestar-lhes atenção, não ouviu nada do que disseram por se ter alheado a pensar na Joana de quem gostava como talvez nunca tivesse gostado de ninguém, mas que o desnorteava por completo. Ele que sempre dormira tão bem, agora tinha insónias e quando estava sozinho era assaltado com frequência por um desejo feroz de lhe chamar manipuladora e de pôr fim ao romance. Mas bastava que lhe viessem à ideia os olhos castanhos excessivamente claros para perder a coragem e desistir. E então se lhe aparecesse pela frente, ao vivo, em carne e osso, perdia também a vontade e submetia-se a tudo o que ela quisesse, o que já lhe estava a causar problemas de toda a ordem, que o faziam sentir-se mal consigo próprio e com a sua consciência.

- Coitado do Bruno, não podia ter-lhe arranjado pior madrasta!

Os remorsos levaram-no a abrir a carteira para contemplar a fotografia do filho que adorava e a quem tanto queria proteger e não desiludir. Embora nunca tivessem vivido juntos por ser fruto de uma relação esporádica, sempre se considerara bom pai. Agora porém, sob a influência de Joana, fraquejava. Quando devia levá-lo a passear, acabava por ir deixá-lo em casa do Guilherme, oficialmente porque ali, na companhia do Diogo, apenas um ano mais velho, se divertiria muito mais. Mas a verdade era outra. Joana não tinha a menor paciência para o Bruno e queria ver-se livre dele. Fingia-se simpática, claro, e como boa atriz talvez enganasse toda a gente. Ou melhor, toda a gente menos a criança estranha que era o Diogo. Em casa dos primos várias vezes se sentira incomodado pelo olhar dele, em simultâneo impenetrável e penetrante, imperturbável e perturbante, como o das personagens que pululam nas séries juvenis sobre seres de outros mundos ou dotados de poderes sobrenaturais. Mas enfim, os dois rapazes entendiam-se bem e inventavam milhares de brincadeiras sempre com o Diogo a mandar e o Bruno a obedecer. Seria correto não lhe proporcionar outros passeios e outros parceiros de brincadeiras? Não. Só o fazia, por ser incapaz de resistir aos estratagemas da Joana, que de facto ganhara um ascendente sobre ele tão

excessivo, inesperado e arrasador como o brilho dos seus olhos pardos.

- Que é que tens, Gaspar? — perguntou uma das colegas
- Nada.
- Pareces esquisito. Ou nem pareces tu.
- Não liguem. São dias!

Capítulo 6



Teles e Astolfo

Na *Pastelaria Chique*, por entre conversas cansativas e repetitivas soou de repente uma frase que Luís Cunha considerou significativa: «Aposto que o Teles sabe mais do que diz sobre o assalto.»

A afirmação da velha senhora desencadeou uma série de comentários que também lhe pareceram promissores.

- Creio que sim. Mas de certeza não tenciona partilhar o que sabe com ninguém.
- E muito menos com a polícia.

Um coro de gargalhadas sobrepôs-se aos comentários que se multiplicavam num crescendo de boa disposição.

Por trás do jornal que ia folheando, Luís atento e quase divertido, registava as opiniões que lhe poderiam interessar.

- Ele há muito que odeia a polícia, mas então desde que lhe bloquearam o carro...
- Já nem o posso ouvir falar nesse assunto.
- Nesse e noutros. Tornou-se tão maçador.
- É a solidão. Às vezes tenho pena dele.
- Pena, talvez. Agora paciência, népia! Porque só diz disparates.
- Olha que não é bem assim.
- Então como é?
- Já lhe ouvi coisas que na altura não entendi mas quando menos esperava percebi tudo e fiquei pasmada.
- Tens razão, lembras-te quando...
- *Schut!* Fim de conversa, que ele vem aí!

Através da montra, Luís viu aproximar-se um indivíduo que sem ser alto nem possuir nenhuma daquelas características físicas que habitualmente se associam à figura de um velho imponente, irradiava força. O corpo, de uma robustez sólida, a maneira de se deslocar, em passadas largas e firmes, a cabeça tão completamente calva que se diria nunca ter tido cabelo nem precisar de o ter, a face redonda de traços enérgicos onde brilhavam olhos azuis quase

sem pestanas, tudo contribuía para que fosse uma presença afirmativa e até temível, reforçada pelo *pitbull* que trazia pela trela. Foi o cão quem chocalhou Luís Cunha, fazendo emergir de imediato o seu *outro eu*, de nome Astolfo. Porque Astolfo, além de fantasista e sensível à beleza do mundo, encerrava em si inexplicáveis atributos que conferem poder aos encantadores de animais. Qualquer cavalo ainda que arisco e bravo, qualquer cão, ainda que feroz e agressivo, lhe vinham comer às mãos.

Os reflexos rápidos que já lhe tinham permitido evitar muitos desastres de automóvel, levaram-no a telefonar imediatamente à Filipa para perguntar se estaria a caminho.

— Não? Ótimo. Então aguenta um pouco, que já te ligo outra vez.

Continuou sentado à mesa, fingindo-se mergulhado nas notícias desinteressantes da página do jornal que tinha pela frente para melhor observar a *sua presa*, ou seja o indivíduo que no passeio em frente da *Pastelaria Chique* acabava de prender o cão para poder ir tomar café.

— Se ele souber alguma coisa sobre o assalto que me possa ser útil, vou arrancar-lha, dê lá por onde der — decidiu — E espero o tempo que for preciso.

Mal o velho entrou na pastelaria, foi saudado pelo coro feminino das clientes habituais e respondeu com um *bom dia a todas* vagamente irônico. Depois aproximou-se do balcão e, sem a menor arrogância, pediu em voz de comando:

— Café cheio e um queque.

O empregado estranhou

— Um queque, senhor coronel?

— Sim. Hoje apetece-me variar.

Uma das mulheres mais velhas do grupo, bastante enrugada mas ainda ostentando traços que evidenciavam ter sido uma rapariga bonita e dotada de elevada auto estima, aproveitou a deixa e interpelou-o com o à vontade de uma amiga íntima:

— Olha lá, se te apetece variar por que é que não aproveitas e contas o que sabes sobre o assalto a casa dos Gomes?

— Não conto, porque se contasse vocês ficavam a saber tanto como eu.

A ironia inicial acentuara-se. Luís, que já concluíra tratar-se de um coronel reformado, acrescentou-lhe o epíteto de galhofeiro. Pouco depois, duvidava que o coronel Teles estivesse na plena posse das suas faculdades devido às respostas dadas a outras provocações da assistência.

- Ai vocês acham que um bom cidadão deve colaborar com a polícia? Pois eu também acho, mas só se a polícia colaborar com os bons cidadãos. E a única coisa que sabe fazer é multar carros por estacionarem em sítios proibidos onde por acaso nem prejudicam ninguém. Querem saber quem roubou os Gomes? Que investiguem! Eles que façam o trabalho que lhes compete, como eu fiz o meu!

As bochechas tinham-se tingido de um leve tom rosado, os olhos azuis disparavam chispas em que se misturavam cólera e desprezo, por pouco não se engasgava a comer o queque e de súbito, sem motivo aparente, virou-se para a primeira que o interpelara e, à sua maneira irónica e trocista disse-lhe:

- Só para ti, mi, mi...

Ela trocou olhares de entendimento com as amigas, e quis embará-lo

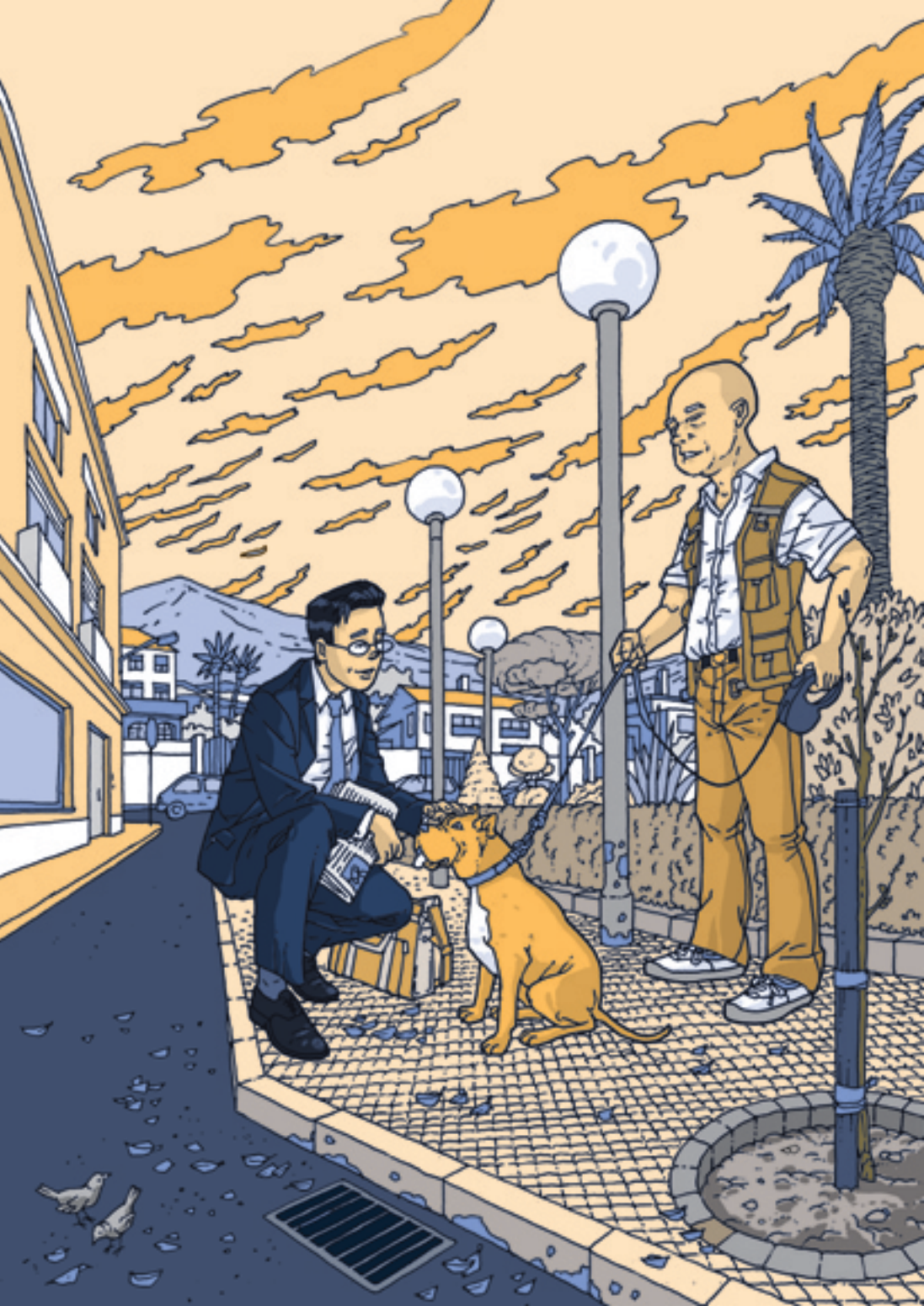
- Eu não sou a Mimi, sou a Kiki!

Ao contrário do que todas esperavam, em vez de ripostar, soltou uma gostosa gargalhada e pediu outro queque. Luís considerou que chegara o momento de entrar em ação. Dobrou o jornal, pagou a despesa e saiu sem olhar para ninguém, assumindo a atitude do visitante ocasional, que nada

viu nem ouviu devido à absoluta falta de interesse pelos assuntos ali abordados. Na esplanada, rebuscou as algibeiras como se procurasse alguma coisa para dar tempo a que emergissem os particulares talentos de Astolfo. Logo que se sentiu apto a pôr em prática as estratégias imaginadas, atravessou a rua e parou ao lado do cão olhando-o como se o visse pela primeira vez. O *pitbull* soltou latidos amistosos e sentou-se nas patas traseiras, de língua de fora, acolhendo alegremente o inesperado companheiro. Luís pôs-se de cócoras e desencadeou aquela espécie de diálogo entre seres racionais e irracionais que só está ao alcance de poucos. A cena teve o efeito que desejava, pois na *Pastelaria Chique* as conversas cessaram e durante alguns minutos, clientes e empregados contemplaram-na estupefactos. O coronel então, mais espantado do que todos os outros, largou umas quantas moedas em cima de uma pequena bandeja e saiu porta fora direito ao seu cão e à única pessoa que se lembrava de ter visto aproximar-se dele e afagá-lo com a naturalidade de quem se chega a um cachorrinho inofensivo.

Luís endereçou-lhe o mais inocente dos sorrisos.

- É seu, este belo animal?
- É.
- Que sorte!



Para ganhar tempo, ergueu-se devagar e sacudiu a roupa como se estivesse coberto de folhas caídas dos arbustos mais próximos. Acompanhou os gestos fazendo observações sobre cães e raças de cães destinadas a cativar as simpatias do coronel Teles, conforme aconteceu.

- Você pelos vistos é conhecedor e de certeza sabe que os *pitbull* exigem muitos cuidados e que os donos são obrigados por lei a fazer um seguro para possíveis danos que possam causar.
- Sei, sim. Tenho um tio que é criador de cães de raça e nas férias que passo com ele aprendo bastante. Mas o senhor... a... deve saber muito mais que eu.

Travara a tempo a palavra coronel, que podia ter desmascarado o seu completo alheamento no café e continuou a lançar-lhe motes para alimentar a boa cavaqueira, enquanto desciam a rua. O coronel Teles, encantado, não se calava. Logo que pode, informou Luís que era militar, aliás coronel, já reformado. E não se cansou de lhe contar histórias de outros animais de estimação que tivera ao longo da vida, o que implicava desvios pelas experiências pessoais em tempo de paz e em tempo de guerra. Luís Cunha limitava-se a encorajá-lo com monossílabos e exclamações de admiração. Já não tinha dúvidas que o velho sofria de

solidão, talvez difícil de adoçar por ser homem rabugento, de feitio complicado, e talvez também por ter saudades de mandar e não saber conviver com os outros em pé de igualdade. A escolha de um *pitbull* para animal de companhia decerto decorrera da necessidade de intimidar quem com ele se cruzasse ou de se sentir confortável na pele de quem domina inimigos potencialmente perigosos. Não podia, no entanto, perder-se em conclusões que nada adiantariam e manteve-se atento para aproveitar o momento exato em que, conquistada a confiança, fosse oportuno lançar-lhe o isco preparado desde o momento em que o tomara como *presa*. Pareceu-lhe conveniente esperar que estivessem longe da *Pastelaria Chique* e só então desfechou a pergunta que se lhe enrolava na língua

- Vive aqui neste bairro tão agradável, senhor coronel?
- Vivo, sim. Desde criança. A casa era dos meus pais, quando casei eu e a minha mulher ficámos no anexo, depois a vida militar obrigou-me a muitas deslocações, agora reformado e viúvo estou na casa mãe.
- Gosta de tratar de jardins ou tem um jardineiro?
- Tenho um jardineiro que vem duas vezes por semana dar uma ajuda. Mas gosto imenso de jardinagem. É relaxante.

— Pois deve ser. Nós na cidade não temos esse privilégio. Nem este sossego. Deve ser um bairro muito sossegado, não?

Luís preparara mentalmente outras ratoeiras. Não precisou de as utilizar porque o coronel mordeu o isco.

— Foi, caro amigo. Sossegadíssimo. Hoje, nem tanto. Já houve por aí vários assaltos.

— A sério?

— Sim. Um até muito recente.

— Não me diga!

— Digo. E olhe que foi esquisito.

— Porquê? Envolveu agressões?

— Não, não. Os donos da casa nem estavam, tinham ido para o Algarve com o filho.

— E o que é que aconteceu? — perguntou o Luís como se nunca tivesse ouvido falar do caso.

— Bom, olhe, alguém entrou na casa deles a meio da noite e levou-lhes...

— Dinheiro e ouro, não?

— Não. Levou uma coleção de pintura muito valiosa.

— Então foi alguém que percebe do assunto.

— Claro.

O velhote suspendeu a marcha e, embalado pela boa conversa com aquele desconhecido que tanto gostava de cães, confessou:

- Eu vi, sabe?
- Assistiu ao assalto, senhor coronel?
- Não propriamente. Na noite do assalto por acaso andava a passear o meu cão, porque quando tenho insónias é isso que faço. Vi um carro cinzento sair pelo portão das traseiras da casa dos Gomes. Pensei que fossem eles ou algum amigo, não liguei. Só depois é que somei dois mais dois.
- Quando a notícia se espalhou?
- Sim! E olhe, por acaso, sem pensar, falei do assalto na pastelaria onde costumo tomar café. A partir de então os empregados e os clientes habituais andam no ar para me puxarem pela língua. Sem sorte, porque não tenciono dizer-lhes mais nada, nem colaborar com a polícia.
Na cara desenhou-se-lhe um sorriso divertido.
- Que investiguem. Não tenho nada com isso, nem estou para me maçar. Aliás, pouco adiantaria. Carros cinzentos há muitos e na altura nem sequer reparei na ma-

trícula. Tenho a vaga impressão que as letras eram um M e um I mas não tenho a certeza.

Coçou o nariz, voltou a rir-se com a expressão típica de miúdo malandro e repetiu:

- Que se arranjem! Não é comigo.
- Pois, pois....

Radiante, Luís já só pensava na melhor maneira de por fim à conversa sem ser indelicado. O velhote dera-lhe duas informações que poderiam vir a ser úteis: carro cinzento, matrícula com as letras M e I. Obviamente não tinha mais nada a acrescentar.

- Pena que não tenha visto a matrícula completa. — pensou — Porque nesse caso ia à ASF¹ e depressa ficava a saber as informações sobre o seguro. Mas paciência, sempre me deu uma dica.

Consultou o relógio e deitou mãos à cabeça.

- Estou tramado, senhor coronel! Gostei tanto de conversar consigo, que deixei passar a hora que combinei para telefonar à minha namorada. Ela deve estar pior que uma barata!

¹ ASF – Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões. No site www.asf.com.pt, dispondo da matrícula de um carro, é possível saber qual é a seguradora em que esse veículo está seguro.

- Calculo! As mulheres são umas tiranas. Vá-se embora, vá, não faça cerimónia!
- Gostei muito de o conhecer! Até qualquer dia.

Despediu-se com um vigoroso aperto de mão e afagou as orelhas de *pitbull* antes de amachucar dentro de si a sensitiva faceta de Astolfo. Em seguida contornou uma esquina e afastou-se rapidamente, sem saber ao certo o que diria à Filipa.

- Tenho de lhe falar com urgência. E vê-la, mas sem atrasar muito a ida a casa dos Gomes.

Capítulo 7



Luís e os Gomes

Por pouco o encontro com Filipa não descambava em zanga. Ela estava furiosa e fartou-se de barafustar.

- Isto não pode ser. Ligas, desligas, convidas, desconvidas...
- Foi uma emergência.
- Estou farta das tuas emergências até à ponta dos cabelos.
- Escuta...
- O quê? Uma série de aldrabices mal cosidas?
- Não. Nunca te menti, ouviste?

Como não respondeu e se mostrou amuada, Luís deitou-lhe as mãos aos ombros e sacudiu-a levemente

- Olha para mim, está bem? Olha e escuta.
- *Pare, escute e olhe*. Agora falas como as tabuletas das passagens de nível?

Quisera ser brusca, mas riram os dois e o ambiente suavizou.

- Diz lá, então. O que é que aconteceu? Por que te atrasaste?
- Porque surgiu uma hipótese de sacar informações sobre o assalto a casa dos Gomes e tive de a aproveitar.
- Que hipótese?

Sem nunca lhe largar os ombros e sem a menor intenção de lhe fazer o relato completo sobre os estratagemas que utilizara, puxou-a para si e deu-lhe um beijo. Ela tentou reagir mas acabou por corresponder o que muito contribuiu para sanar a briga e facilitar o bom entendimento entre ambos.

- Logo que eu possa, conto-te tudo em pormenor. Agora tenho que ir fazer a peritagem a casa dos Gomes e já vou tarde.
- Isso quer dizer que estás a correr comigo?
- Não, Filipa. Ia era desafiar-te.
- Para quê?
- Não faz qualquer sentido, nem seria próprio apresen-

tar-me em serviço acompanhado por uma pessoa que nada tem a ver com o assunto. Mas já que tu os conheces e frequentas a casa, podias aparecer por acaso, a perguntar se há novidades sobre o roubo. Eles de certeza te recebem bem.

- Recebem.
- Então, pronto. Eu vou andando, começo o meu trabalho e tu chegas daí a bocadinho. Quando eu acabar, saímos ao mesmo tempo ou com um pequeno intervalo e vamos jantar juntos. Que dizes?
- Não é má ideia.
- Então anda daí. Levo-te de carro até perto da casa deles e saís a tempo de não verem que estamos juntos.
- Ou seja, temos de fingir que não nos conhecemos, não é?
- É.
- OK. Pode ter a sua graça.
- Vais ver que sim. Cuidado, não te desmanches.
- Fica descansado. Mas diz-me uma coisa. Ainda estás convencido que os Gomes encomendaram o assalto para receber o dinheiro do seguro?
- Não tenho de estar convencido nem desconvencido, o que me compete é averiguar. E dá bastante trabalho, sabes? Não há casos simples.

- Isso, desculpa, mas deve haver.
- Enganas-te. Mesmo quando os factos se podem resumir em poucas linhas, por trás dos acontecimentos há sempre imensa gente e muitas histórias que ficam por contar.
- Deste em filósofo?
- Os filósofos debatem ideias. Grandes ideias. Estas minudências, os pormenores, as ligações, aquilo que as pessoas fazem por que querem ou nem sabem porque fizeram, são mais de competência de psicólogos e ...
- De peritos, como tu?
- Por exemplo. Mas estamos a chegar. Deixo-te aqui, aparece quando entenderes e nunca nos vimos antes, OK?
- Combinado. Até já.

Luís Cunha conduziu o carro até à porta dos Gomes, constatando de imediato que estava um carro cinzento estacionado em frente ao portão principal. Podia ser deles ou não, as letras da matrícula não eram M nem I.

- Veremos que mais me sai na rifa sobre o carro. Por agora, vou ver as salas desta magnífica casa.

Quem o recebeu foi Marília que ficou bem impressionada com o funcionário que lhe enviava a companhia de



seguros. O marido apareceu e também recebeu Luís de forma cordial mas reservada. Nem um nem outro pareciam entender bem o porquê daquela visita.

— Já fizemos a declaração do roubo por escrito — disse o Guilherme — e explicámos tudo o que aconteceu de acordo com as regras. O mediador que me trata destes assuntos há anos é um homem experiente e ajudou-nos.

— Eu sei. E conheço muito bem o vosso mediador.

— Então por que motivo...

— Estou aqui? É simples. Porque a peritagem faz parte dos procedimentos habituais.

Esboçara uma espécie de sorriso tranquilizador e deu início a uma conversa em que alternava afirmações e perguntas com o método, o engenho e a arte de um perito competente pois enumerou e encadeou factos, identificou e reuniu pormenores de modo a obter uma história tão completa quanto possível sobre os valiosíssimos quadros que figuravam na apólice do seguro e tinham sido roubados por assaltantes capazes de não deixarem o menor rasto da sua passagem por aquela casa.

Guilherme e Marília tinham colaborado, respondendo e explicitando o que fosse necessário, mas quando lhes

pareceu que Luís Cunha ia dar por finda a conversa, ela não resistiu a interpelá-lo:

- Desculpe lá, mas se não se importa gostava de saber se quando há um roubo procedem sempre assim.
- Assim, como?
- Reconstituindo o caso à maneira da polícia.
- Claro, tem de ser.
- Mas porquê?

Antes de responder, franziu-se num esgar semelhante a sorrisos de circunstância.

- Todas as ocorrências que envolvam seguradoras implicam peritagens, feitas por especialistas. Neste caso, o especialista enviado para tratar do vosso assunto fui eu.
- Tudo bem. No entanto continuo perplexa devido à minúcia. Havia alguma falha nas papeladas que o Guilherme assinou?
- Não, nada.
- Nem o nosso mediador deixava escapar o que quer que fosse — insistiu o marido — Ele é super competente e muito cuidadoso.
- Nós sabemos. A papelada está em ordem.
- Ou seja, — insistiu a Marília que fitou Luís Cunha olhos nos olhos e ergueu os dedos um por um a fim de

enumerar as suas razões — na declaração ficou claro que todos os nossos quadros foram autenticados por avaliadores de obras de arte.

- Exato. E reconhecidos como tal pela nossa seguradora pois se não fossem, os quadros não seriam incluídos na apólice.
- Então se sabem isso, porque veio aqui e voltou a falar no assunto?
- Porque faz parte dos procedimentos habituais.
Ela mostrou-se bastante irritada:
- Bom, suponho que me vai dar a mesma resposta quando lhe perguntar o resto?
- Depende.
- Marília, para com isso, sim? — pediu o marido.
- Tem paciência, Guilherme, mas não paro. Gastaste uma fortuna nos quadros, tiveste o cuidado de fazer um seguro, agora roubaram-nos e em vez de nos darem a quantia combinada mandam um perito fazer inquéritos. Para quê? Para ganhar tempo?
Luís Cunha manteve-se imperturbável e ela prosseguiu:
- Tenho imensa pena mas nada disto faz sentido. Você veio aqui confirmar coisas que só interessam à polícia. E nós já respondemos à polícia. Sim, fomos ao Algarve.

Sim, estivemos numa festa em casa de amigos até às tantas da manhã com mais de cinquenta pessoas. Sim, não ficou cá ninguém, porque levámos o único filho que temos e uma *babysitter*.

Foi nesse momento que Filipa tocou à porta, Diogo vira-a chegar pela janela e correu a recebê-la todo contente porque gostava imenso dela.

— Ainda bem que chegaste!

Puxou-a por um braço e levou-a para a sala. Os pais atrapalharam-se por um instante, Marília recuperou mais depressa e apresentou-a.

— Nem de propósito! Aí tem a *babysitter* que nos acompanhou.

Luís Cunha cumprimentou-a com um leve aceno de cabeça, ela correspondeu sustentando o riso.

— Vinha saber se há notícias dos quadros, mas se cheguei em má altura, volto depois.

— Não, não — interrompeu o Diogo — Este senhor é perito, está a averiguar tudo sobre o roubo, não é segredo nenhum, podes perfeitamente assistir e acho que vai valer a pena.

Tanto o pai, como a mãe lhe lançaram olhares reprovadores e inquietos pois sabiam até que ponto o filho se podia

tornar inconveniente. Ele fez de conta que não percebeu, sentou-se no sofá e obrigou a Filipa a sentar-se ao seu lado.

— Vamos assistir. É interessante.

— É interessante o quê? — perguntou a mãe meio irritada.

— O que ele vai fazer a seguir.

— E o que é?

— Fotografar a parede onde estavam os quadros.

Desta vez, todos os adultos ficaram surpreendidos. Fez-se silêncio, um silêncio breve, que Luís cortou para informar:

— De facto é o que vou fazer a seguir.

— Para quê? — perguntou Guilherme.

— Deve ser porque faz parte dos procedimentos habituais — gracejou Marília com azedume, enquanto Luís Cunha se plantava diante da parede *limpa* para a fotografar aplicadamente.

Diogo parecia deliciado e deu várias cotoveladas à Filipa. Se não chegou a dizer-lhe nada, foi por ter ouvido a buzina de um carro tocar três vezes conforme ele há muito combinara com o primo.

— Vem lá o tio Gaspar e traz o Bruno!

De novo correu a abrir a porta, de novo recebeu os recém-chegados como se viessem para uma festa.

— Entrem, entrem!

Os cumprimentos, apresentações e explicações cruzadas permitiram que Luís enviase uma olhadela elucidativa a Filipa, ela captou a mensagem, despediu-se e saiu à pressa antes que alguém tentasse retê-la. Luís terminou a peritagem sempre imperturbável, pouco depois despedia-se também a pensar em tudo menos naquilo que o esperava do lado de fora do jardim: um outro carro cinzento, estacionado atrás do primeiro, cuja matrícula incluía as letras referidas pelo coronel Teles: M e I.

Havia outros carros na rua, não podia ter a certeza absoluta, mas posto que quando ele chegara não se encontrava ali e agora aparecia estacionado junto à casa dos Gomes, o mais certo era pertencer ao indivíduo que acabara de lhe ser apresentado como *primo Gaspar*, que podia perfeitamente ser cúmplice do casal num roubo por encomenda.

— Este caso é altamente suspeito — pensou e repensou mas não confidenciou à Filipa quando finalmente se encontraram para um passeio a pé e um jantar romântico.

Capítulo 8



Diogo

Diogo impressionara os professores desde o primeiro dia de escola por evidenciar capacidades muito acima da média. Convencidos que seria motivo de grande alegria para os pais, convocaram-nos para uma reunião privada a fim de lhes comunicarem as suas conclusões sobre a melhor maneira de orientarem aquela criança extraordinariamente precoce e até talvez sobredotada. Pois ao contrário do que esperavam, os pais reagiram mal e até se recusaram a aceitar o veredito ou a aceitar o conselho para que o confirmassem recorrendo a psicólogos habilitados. E se o pai, bem conversado, talvez cedesse, a mãe manteve-se irredutível.

— Nós sabemos muito bem que o Diogo é um rapaz inteligente e que gosta de estudar. Ainda bem para ele, ainda bem para nós. Mas começar a tratá-lo como geniozinho, achamos prejudicial. Fazemos questão que cresça ao seu próprio ritmo, que se agora parece acelerado em relação aos outros da mesma idade, nada nos garante que a certa altura não desacelere. Por favor não o elogiem demais, pois sendo filho único, não lhe faltam mimos nem atenções.

Não valia a pena insistir, a reunião acabara quase mais azeda e desagradável do que quando os professores se veem obrigados a alertar pais para dificuldades que os filhos revelam ou para comportamentos menos adequados. E assim, nenhum dos professores voltou a abordar o assunto e o casal Gomes continuou a tomar conhecimento das notas altíssimas que Diogo invariavelmente obtinha nos testes, sem mostrar entusiasmo ou admiração. E nem sequer se deram ao trabalho de procurar atividades estimulantes que pudessem incentivá-lo a progredir e a dar livre curso aos muitos talentos que possuía. Ele é que pesquisava e inventava por conta própria, servindo-se de todos os meios que as novas tecnologias punham à sua disposição. A cada passo, revelava competências inesperadas, que os pais nem sequer

comentavam. Naquela tarde tornou-se impossível ignorar o que disse, porque mal o perito saiu, Diogo assombrou a família com as mais espantosas afirmações.

- A mãe devia parar de dizer às pessoas que não sabe se ligou ou não ligou o alarme, porque é um disparate e fez uma triste figura!
- Tu estás parvo, ou quê? Se digo, é porque não sei.
- Mas sabem eles, mãe.
- Eles quem?
- A polícia e a seguradora. Com certeza contactaram a empresa responsável pelos alarmes que fica com tudo registado, compreende? Se ligou, a esta hora já obtiveram informações e sabem muito bem qual a data e a hora exata do assalto.
- Então por que é que não dizem?
- Porque ainda não chegou o momento próprio.

Sentado no sofá, de braços cruzados e expressão séria, parecia-se demasiado com o típico geniozinho capaz de incomodar toda a gente. E realmente desnorteara todos, excepto o primo Bruno, para quem há muito era um verdadeiro herói.

- A mãe e o pai também não perceberam porque é que o perito fotografou a parede vazia, pois não? É muito

simples. Foi para averiguar se os quadros estiveram lá pendurados.

- Ó Diogo, que ideia estúpida!
- Nada estúpida. Quadros pendurados na parede deixam marcas, não é? E elas lá estão. Mas precisam de ser conferidas.
- Conferidas com quê?
- Com as dimensões dos quadros. O pai tem lá em cima no escritório um álbum com as fotografias dos quadros que foram tiradas na altura de fazerem o seguro. E por baixo de cada uma, está o nome do pintor, o tamanho do quadro...
- Quem te disse?
- Ninguém. Assisti, vi, percebi. Na seguradora há um álbum igual. Agora imaginem lá que os tamanhos das marcas não correspondem?
- Hã?
- Imaginem que tinham vendido clandestinamente a coleção de pintura e pendurado naquela parede quadros sem valor nenhum, que agora retiravam para fingir que houve um assalto e reclamar o dinheiro do seguro.
- Tu estás louco, ou quê?

- Não, mãe. Estou a explicar como é que as coisas se passam. Estas investigações são para ver se há aldrabices no caso. Se por exemplo os tamanhos das marcas deixadas na parede não coincidirem com as dimensões registadas nos álbuns, seria um motivo de suspeita.
- Suspeita?
- Sim. Há muita gente que faz fraudes.
- Nós não fazemos!
- Pois não. Mas a polícia e a seguradora têm de averiguar. E as averiguações estão em curso.

Bruno olhava o primo com orgulho, Guilherme e Gaspar tinham empalidecido, quanto a Marília, escarlate, reprimia a vontade de pregar um estalo no filho.

- Quem te meteu essas ideias malucas na cabeça?
- Ninguém. E não são ideias malucas. Basta ver a série *Crimes Urbanos* que vejo quando me apetece. Por isso percebi desde o princípio que este assalto ia despertar fortes suspeitas.

Se não fosse a chegada intempestiva de Joana, talvez Diogo não escapasse a uma injustíssima descompostura dada pela mãe enquanto o pai berrava.

- Não admito que alguém ponha em causa o meu bom nome! Não admito!

Joana entrara a tempo de ouvir a indignada reclamação, espantou-se, pediu pormenores esforçou-se por acalmar os ânimos, e acabou por ser a única pessoa a ficar em pé no meio da sala quando todos os outros já se tinham deixado cair nos sofás. No palco, seria exatamente assim que devia tomar conta da cena. E tomou. Pediu que lhe contassem tudo outra vez, sem se impacientar devido às inevitáveis repetições. Solidarizou-se com os donos da casa, fez coro com a revolta de Guilherme, deixou-os falar e falou também, tantas vezes quantas necessárias para que os amigos serenassem. Quando por fim serenaram, encostou-se à parede de frente para eles e propôs à maneira de quem não aceita recusas:

- Hoje jantam connosco. Vocês precisam de desanuviar, não adianta nada ficarem aqui a remoer no assalto e nas possíveis desconfianças da polícia e da seguradora, por isso conto convosco e não é na casa do Gaspar, é na minha.
- Obrigada, Joana. Mas não sei se estamos com disposição para sair.
- Ora Guilherme! Que desculpa esfarrapada!
- Por mim, aceito. O problema é que não sei se a *baby-sitter* pode vir.

- *Babysitter* para quê, Marília? O Diogo também está convidado e tenciono preparar-lhe a sobremesa preferida.
- Sabe qual é? — perguntou ele num tom neutro, mesclado de insolência.
- Se não souber, adivinho. Está combinado?
- Bom, talvez realmente não seja má ideia.
- Espero-vos às 8 horas em ponto. Se não se importam, deixamos cá o Bruno para irmos às compras e vocês preparam os estômagos para uma refeição inesquecível.

Não exagerara, a Joana. Quando chegaram, abriu-lhes a porta de avental e com um ar atarefadíssimo mas radiante.

- Instalem-se na sala, que eu preciso de dar os últimos retoques num petisco.

Marília ofereceu-se para ajudar, ela recusou terminantemente.

- Não, não, não! Convidei-vos, para relaxarem.

Conduziu-os à sala onde a mesa estava posta com o maior cuidado e sugeriu:

- Sentem-se, que eu vou buscar os aperitivos.

O casal Gomes entreolhou-se, sensibilizado.

- És um amor, Joana! Tanto trabalho para nos animar!
- Vocês merecem.

- Obrigada.
- E o Gaspar, onde é que se meteu? — perguntou Guilherme.
- Nem queiras saber! O dono da agência de viagens telefonou a pedir para ir ao aeroporto receber um cliente todo especial e ele não teve outro remédio senão dizer que sim.
- E não vem jantar connosco?
- Vem, claro. Logo que se despachar, aparece. Entretanto, para enganar a fome, vão provar umas coisinhas apetitosas que preparei.

De novo recusou ajuda fosse de quem fosse e desfazendo-se em sorrisos pediu ao Bruno:

- Toma conta dos nossos convidados, sim? Na ausência do teu pai, és tu o homem da casa.

Ele, coitado, olhou a família com a expressão atarantada de quem não sabe o que lhe compete fazer, Marília descansou-o com um leve piscar de olhos e sentou-se a ver uma revista. Os rapazes acenderam a televisão e Guilherme, que continuava incomodado e inquieto, andou de janela em janela a olhar lá para fora mas de tal maneira absorto que seria incapaz de dizer se os prédios em volta eram brancos, azuis ou amarelos.

Joana demorou uma eternidade a trazer os aperitivos que incluíam sumos de cores exóticas e sabor inidentificável bem como tapas variadas e uma série de tacinhas com frutos secos.

De facto, estava tudo ótimo mas a partir de certa altura já se sentiam empanturrados, quase nem lhes apetecia jantar e todos olhavam para o relógio mais ou menos disfarçadamente. Como era óbvio, Joana estava a fazer horas para ver se Gaspar chegava, como nunca mais aparecia, decidiu chamá-los para a mesa.

— Paciência, começamos sem ele.

Tomaram então lugar de roda da mesa e lá vieram as travessas que mais pareciam arrançadas para um banquete.

— Parabéns, Joana! Além de grande atriz és uma cozinheira de alto nível!

— Eu gosto de fazer experiências e geralmente não me saio mal. Vamos ver se também gostam da sobremesa. Aliás, das sobremesas. Passem para cá os pratos que já volto.

— Eu ajudo.

— Não. Hoje são só convidados.

Num despacho foi à cozinha e regressou com um bolo gelado e uma taça de salada de frutas. Diogo, que a observava discretamente como era seu velho hábito, comentou:

— Que sorte. Adoro esse bolo. É igual a um que vendem na pastelaria *Bom Bom* que abriu há pouco tempo perto da nossa casa.

— Ai sim? Então o pasteleiro deve ter herdado o mesmo livro de receitas que eu herdei da minha mãe.

Apesar de se terem empanturrado, serviram-se várias vezes do bolo e não resistiram a umas colheradas de salada de frutas.

— Pobre Gaspar, que deve estar esfomeado. Vou mandarlhe um *sms* para saber se ainda demora.

— Posso me levantar da mesa? — perguntou o Diogo aos pais.

— Para quê?

— Para ir à casa de banho.

— Então vai.

Sorrateiro como um gato, apressou-se a sair por uma porta que dava acesso ao corredor e em vez de se dirigir à casa de banho, foi direito à cozinha. Pouco depois voltou com a expressão peculiar que desnorteava os adultos e sentou-se, respeitando o silêncio que se gerara em torno dos *sms* trocados entre a Joana e Gaspar.



— Nada feito — disse ela por fim — O melhor é não con-tarmos com ele porque está atrasadíssimo. Querem café?

Guilherme ansiava regressar a casa. Tinha comido demais, estava cansado, apetecia-lhe cair na cama e afundar-se num sono pesado que lhe permitisse esquecer ao menos por algumas horas o estranho desaparecimento dos quadros e as estúpidas suspeitas que podiam recair sobre ele. Só não saiu imediatamente por simpatia e gratidão. Joana esforçara-se imenso para os distrair, aguentou uma meia hora. Gostaria de regressar a casa só com a mulher e o filho, mas Bruno pediu para ir com eles e fez-lhe a vontade. No carro, apercebeu-se que os dois miúdos cochichavam e riam no banco de trás. Não tencionava perguntar que assunto os divertia tanto, mas ficou a saber porque o filho, entre gargalhadas, resolveu informá-los.

— Querem saber o que eu descobri? A Joana não fez o jantar, comprou tudo.

— Por que dizes isso?

— Porque fui à cozinha e espreitei o caixote do lixo. Estava cheio de embalagens de alumínio e até havia uma caixa de cartão da pastelaria *Bom Bom*.

No banco de trás as gargalhadas redobraram, Guilherme encolheu os ombros, Marília optou por não fazer comentários sobre o assunto.

- Estou mesmo estafada. Preciso urgentemente de chegar a casa e deitar-me.

Capítulo 9



Guilherme e Marília

Chegar depressa a casa, chegaram, mas não se puderam ir deitar porque mal acenderam a luz da sala iam desmaiando.

— Os quadros! Os meus quadros!

Guilherme, atónito, duvidava do que os olhos viam porque a coleção de pintura regressara à parede de onde tinha desaparecido sem se perceber como.

— Mas o que é que aconteceu? Mas como é que isto aconteceu?

A mulher, igualmente assombrada aventou uma hipótese:

— Terá sido uma partida de mau gosto?

- Ó Marília, que absurdo! Quem é que se dava ao trabalho de vir aqui buscar quadros de grande valor para me pregar um susto? Só um doido!
- Doido ou inimigo, se calhar tens mais inimigos do que julgas.
- Se fosse um inimigo, não se contentava em pregar-me um susto. Aliás pregar sustos é uma brincadeira infantil.

Instintivamente olharam ambos para os miúdos. Bruno ficara especado a meio da sala, Diogo aproximara-se da parede e observava as telas uma a uma com grande atenção. Os pais continuaram a discutir à toa.

- A única explicação possível é terem sido ladrões que ficaram com medo de ser apanhados e resolveram devolver tudo.
- Sim, minha querida, ladrões que pelos vistos têm o comando elétrico do portão do jardim e a chave da nossa casa. Além disso, como eu próprio hoje liguei o alarme antes de sairmos, também conhecem o código secreto que ligam e desligam quando lhes apetece. Caso contrário não tinham podido vir fazer a entrega.

Perplexos, olharam um para o outro sem atinar com resposta para as muitas perguntas que aquelas afirmações

implicavam. Os hipotéticos ladrões seriam pessoas relacionadas com a empregada? Ou com o jardineiro?

— Não acredito. — disse a Marília — Eles trabalham para nós há anos, são de toda a confiança.

O marido não precisou de lhe perguntar de que falava.

— Eles seriam incapazes de roubar fosse o que fosse. Mas pensando bem não conhecemos a família e os amigos nem de um, nem de outro. Às vezes os colaterais revelam-se surpresas bem desagradáveis.

— Mesmo assim, não acredito. Porque para fazerem uma coisa destas precisavam do apoio deles.

— Olha lá, não chamaste um canalizador aqui há tempos?

— Chamei, sim. Mas achas que ia dar as chaves ao homem e ensinar-lhe o código do alarme?

— Não, claro que não. Só que ele podia ter surripiado as chaves antes de sair para o almoço e mandar fazer cópias.

— E o alarme?

— Quanto a isso bastava que te visse ligá-lo.

— Mas não viu. Aliás, nem saiu para almoço, trouxe lancheira.

Exausto e confuso, Guilherme sentou-se no sofá preferido, de olhos postos na coleção de pintura que depois de julgar perdida lhe parecia ainda mais preciosa.

- Hoje durmo aqui.
- Que disparate! Vens mas é para a cama.
- Não vou, não. Traz uma manta, que não abandono os meus quadros nem por um minuto antes de mudar o comando dos portões, as fechaduras da casa e o código do alarme.
- Estás com medo que a ladroagem volte a atacar?
- Por estranho que pareça, estou. Com gente desta, nunca se sabe.
- Aproveito para te lembrar que eles só atuaram na nossa ausência. Isso significa que estão a par dos nossos hábitos e dos nossos movimentos.
- O que estás tu a imaginar? Vizinhos de binóculos em punho a espiarem-nos?
- Por exemplo.
- Nesse caso, sabem que hoje a casa está habitada por dois adultos e duas crianças.
- Pois. E também sabem que os quartos são todos lá em cima, não é?
- Ó Guilherme!
- Não insistas. Durmo aqui. E amanhã ficas tu de serviço quando eu for à polícia retirar a queixa e contactar a companhia de seguros para dizer o que se passou.

- Seja como queres. Eu vou dormir na nossa cama e vocês, rapazes, nas vossas.
- Eu queria ficar ao pé do pai.
- Nem penses, Diogo! Já para cima com o Bruno. E não se esqueçam de lavar os dentes.

Embora contrariados, os miúdos subiram. Marília seguiu-os, a meio da escada percebeu que o marido falava sozinho.

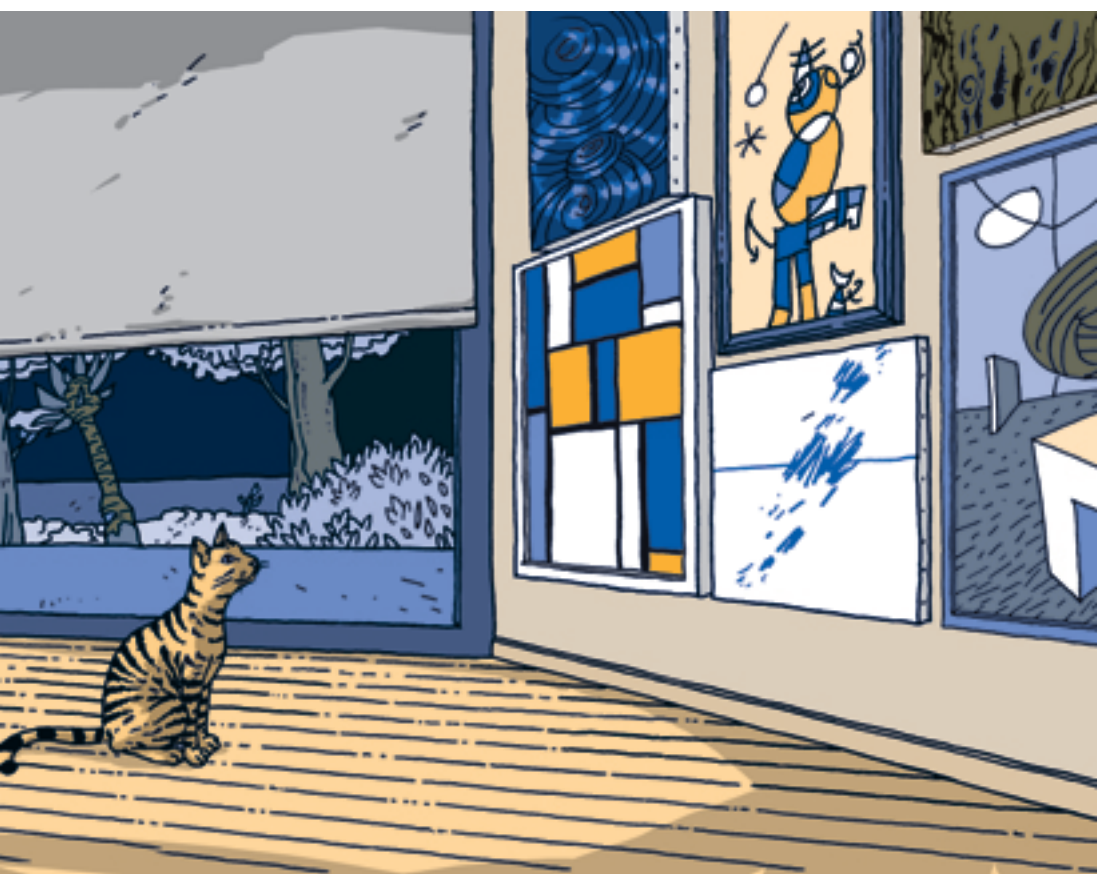
- Que sorte não ter tratado logo de mudar as fechaduras... se as tivesse mudado, não podiam ter devolvido o que roubaram!

A fim de lhe proporcionar um mínimo de conforto, levou-lhe a almofada, mantas e apagou a luz do teto. Depois deu-lhe um beijo e ainda advertiu:

- Amanhã acordas todo partido.
- Partido e feliz, felicíssimo e se queres que te diga a verdade, nem me interessa especialmente saber quem foram os chanfrados dos ladrões. O que interessa é que recuperei a magnífica coleção que tanto trabalho me deu a reunir! Boa noite, Marília!

No dia seguinte, conforme combinado, Marília ficou em casa e teve de aturar as infindáveis observações da empregada que estava excitadíssima com os acontecimentos





e se multiplicava em explicações delirantes, entre as quais a atuação de pessoas ligadas a bruxarias. Sendo impossível forçá-la a mudar de assunto, pedi-lhe que fizesse uma sopa e foi tomar um longo banho de imersão. Dentro da banheira que enchera de água quente, deixou-se invadir pelo desejo de férias a bordo do barco esplêndido que poderiam ter comprado, se em vez de recuperarem os quadros recebessem o dinheiro pago pelo seguro.

— Estava tudo tão bem encaminhado, por que raio é que os tipos resolveram devolver aquelas pinturas medonhas?

Perguntas idênticas tinham feito ao Guilherme na Judiciária. Como ele se limitasse a encolher os ombros e a garantir que não conseguira sequer imaginar por que motivo os ladrões tinham levado as telas para as reporem no mesmo lugar, alertaram-no de forma subtil.

— Um caso do género indicia a participação de pessoas próximas, pessoas da casa.

— Sim, suponho que sim, mas não faço ideia quem sejam nem o que pretendiam.

— Talvez se tenham assustado com as nossas investigações e resolvido voltar atrás. Mas mantenha-se alerta porque podem voltar à carga.

Um outro inspetor ainda propôs:

- Se quiser, podemos ir a sua casa recolher de novo impressões digitais a fim de identificar possíveis culpados.
- Não, não, obrigado. Se da primeira vez tomaram precauções, à segunda não iam descuidar-se. Quero retirar a queixa, reforçar a segurança da minha casa e esquecer o assunto.
- Seja como quer. Por favor assine esta declaração para retirar a queixa apresentada, para se juntar ao processo e promover o seu arquivamento.

Ansioso por ponto final na história, mal saiu dali, telefonou para a companhia de seguros. Mas as coisas não eram tão simples como ele julgava pois disseram imediatamente que iam mandar o perito lá a casa nessa mesma tarde.

- Não vale a pena. Devolveram tudo e já retirei a queixa na Judiciária.

Do outro lado, a voz feminina que o atendera informou que os procedimentos habituais tinham de se cumprir. Pelo tom firme, percebeu que não valia a pena insistir e voltou para casa. A espera prolongou-se e só perceberam porquê quando Luís Cunha chegou na companhia de um dos avaliadores de obras de arte que tinham autenticado as pinturas.

Traziam com eles o dossiê das fotografias tiradas na altura de celebrarem o contrato e, embora procurassem não deixar transparecer o que pensavam, tanto Guilherme como Marília depressa compreenderam que eles estavam desconfiadíssimos. Após os cumprimentos, ambos se referiram ao insólito da situação. Guilherme reagiu:

— Realmente não se percebe tanta estupidez. Mas por mim, estou satisfeito, recuperei o que é meu. E a companhia de seguros com certeza também fica satisfeita porque assim não tem de me pagar nada.

Num gesto largo, apontou-lhe a parede.

— Como veem, os quadros voltaram todos ao seu lugar.

— Foi o senhor que os pendurou?

— Eu? Não! Ontem à noite, quando voltei para casa com a família, tive a alegria de ver os meus quadros todos no sítio. Até dava para pensar que o roubo não passou de pesadelo.

— Compreendo, mas se pensar melhor, verá que tudo isto é muito estranho.

— Será, mas não importa, pois não?

— Importa.

Diogo, que entretanto regressara da escola, introduziu-se na sala e, receando que o mandassem embora, escondeu-

-se atrás dos cortinados de modo a poder observar a cena. Os pais em pé e obviamente à beira de um ataque de nervos, discutiam com o perito. Quanto ao avaliador, aproximara-se da parede e comparava as telas com as fotografias do dossiê em silêncio.

- Eu não estou a perceber o que se passa aqui. — reclamou a mãe impaciente — Não percebo mesmo.
- Passam-se várias coisas. — respondeu Luís Cunha mantendo a calma — E uma delas prende-se com a maneira dos ladrões devolverem os quadros. O mais natural era terem-se limitado a deixá-los no alpendre, e nem sequer entrarem em casa. Mas enfim, já que tinham as chaves e sabem desligar o vosso alarme, podiam preferir metê-los rapidamente cá dentro. Ou seja, deixá-los no chão. Agora pendurá-los? Os que estão mais acima exigem escadote. Encontraram um escadote aqui na sala quando chegaram?
- Não.
- Somos pois obrigados a concluir que foram buscá-lo onde quer que o guardem, penduraram os quadros exatamente no lugar certo pois não há marcas na parede a sobrar das molduras. E, terminado o serviço, foram arrumar o escadote. Proceder assim demora tempo e

aumenta o risco de ser apanhado em flagrante. Conforme decerto entenderão, tanto à vontade levanta suspeitas.

- De quê? De que nos roubámos a nós próprios e depois, assustados com as investigações, reconsiderámos? — quase gritou a Marília.

Luís dispensou-se de lhes dizer que não seriam os primeiros a engendrar embustes na mira de receber indemnizações. Em vez de falar, olhou o avaliador que os fitava de cara fechada.

- Então?
- Estes quadros são todos falsos.
- Falsos?
- Sim, cópias dos originais. Algumas muito bem feitas, outras nem tanto.

Guilherme empalideceu, Marília corou, o filho emergiu do esconderijo e chegou-se a eles.

- Eu já tinha reparado.
- Em quê? — gaguejaram os pais
- Na bola roxa. Ora vejam — pediu, apontando um pormenor da tela que se encontrava à altura dos seus olhos.

- Ali. No quadro verdadeiro aquela mancha é uma elipse. Neste quadro é redonda.
- Bom, então sempre fomos roubados e a companhia de seguros vai ter de desembolsar a quantia combinada.
- Pagará, depois de apurarmos o que se passou. Há muito para averiguar a respeito desta história antes de chegarmos a conclusões definitivas. Para já, a Judiciária tem de ser informada a fim de reabrir o processo. Pode até acontecer que se recuperem os originais.

Capítulo 10



Luís e Filipa

Na Judiciária não ficaram nada admirados com a reviravolta porque desde o início que aquela história lhes parecera muito mais do que um simples assalto. O processo foi reaberto e as investigações retomadas.

Na companhia de seguros o pessoal também acolheu o relato do perito sem surpresa, pois ao longo dos anos muitas vezes se tinham confrontado com vigarices planeadas por pessoas tão cheias de prestígio, como de ganância. Luís Cunha ficou encarregado de continuar a seguir o caso até se concluir se de facto houvera roubo ou se se tratava de golpe. O que muito lhe agradou por ser um desafio e tanto.

— Acho que é o caso mais rocambolesco da minha carreira.

Quando saiu da garagem do escritório hesitou entre ir para casa ou dar uma volta pela cidade a fim de por as ideias em ordem. Antes que decidisse, o telemóvel tocou e era a Filipa.

— Que tal vires jantar comigo outra vez?

— Boa! Onde é que estás?

— Em Cascais. E por acaso em frente à casa dos Gomes, que hoje me chamaram e depois dispensaram os meus serviços de *babysitter* no meio de uma gritaria infernal.

— Porquê?

— Porque a Marília queria distrair o marido e levá-lo a um restaurante no Guincho que adoram. Ele começou por dizer que sim. Depois, mudou de ideias e puseram-se aos berros. Coitado do Diogo!

— Mas aos berros só por ele não querer ir ao Guincho?

— Sim e não. Ela obviamente ansiava por um arejo. Vestiu-se como se fossem a uma festa mas estragou o programa porque antes de saírem teve a triste ideia de lhe dizer uma piada de péssimo gosto: *Que alívio podermos sair sem preocupações! É muito melhor ter cópias do que quadros de pintores famosos.*

— Que falta de tato!

- Completa. Ele desatou aos berros, ela ainda berrou mais alto, só faltou agredirem-se.
- Na frente do filho?
- Sim. Mas o Diogo está habituado a discussões e não se aflige por aí além.

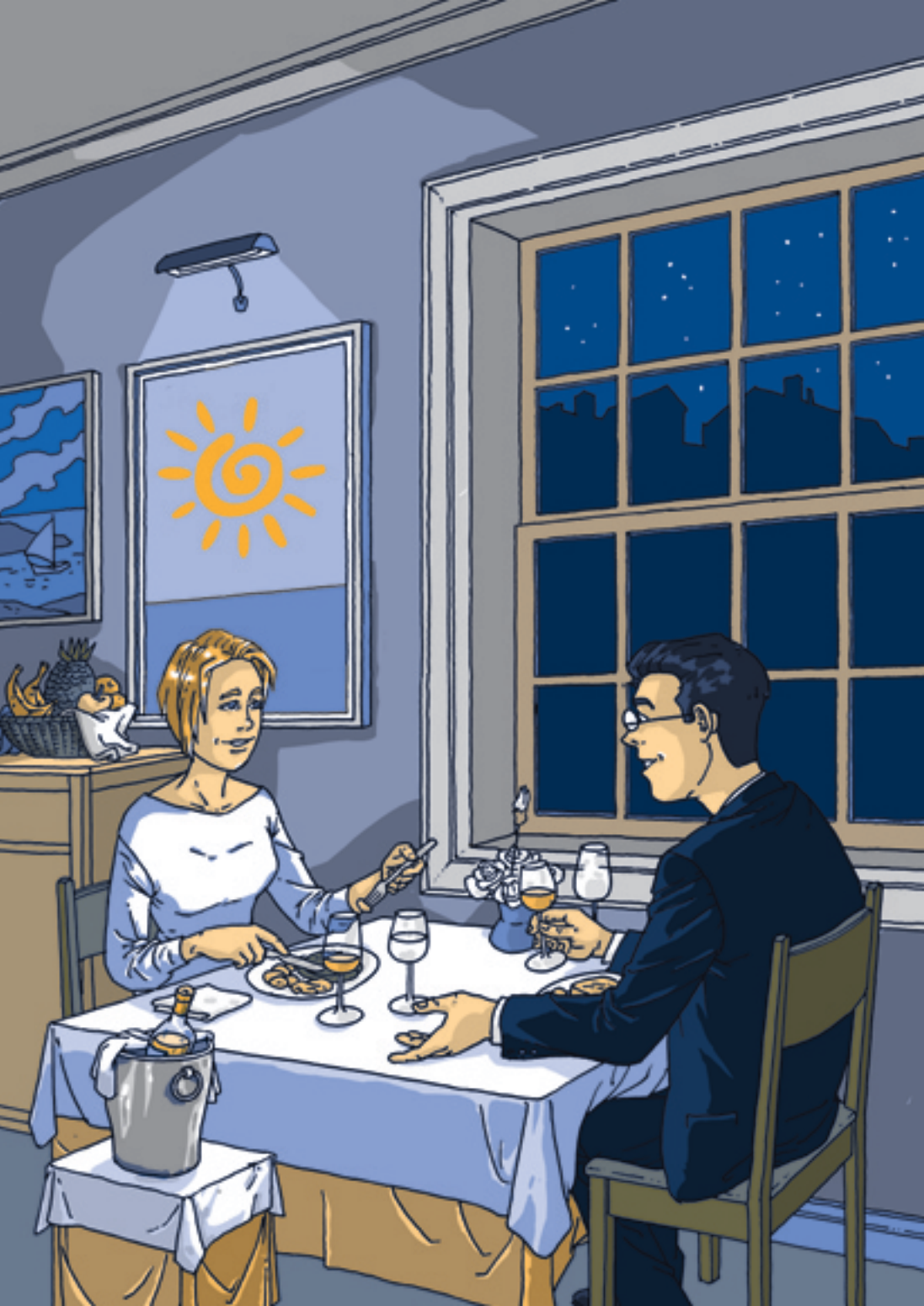
Esconde-se num canto, usa o telemóvel, filma o que vê e até desconfio que se diverte. Fazer vídeos talvez seja a estratégia que encontrou para se distanciar dos problemas.

- E não está mal visto. Assim transforma a realidade em ficção.
- Não há dúvida, deste em psicólogo.
- Já te expliquei que só é bom perito quem tem qualidades de psicólogo.
- Queres vir exercitá-las a Cascais? Sou muito sensível e fiquei traumatizada por terem prescindido dos meus serviços de *babysitter* sem aviso prévio.
Luís riu-se e decidiu.
- OK. Vou a caminho. Se ligasses para o restaurante dos Gomes e ficássemos com a mesa deles?
- Está doido? É caríssimo.
- Escolhe então um que te agrade e manda-me um *sms* a dizer qual é.

O encontro num restaurante pequeno, acolhedor e pouco iluminado onde só estavam turistas fê-los sentir-se tão próximos que a conversa fluiu saltitando de uns assuntos para outros e alternando troca de impressões ora sérias, ora ligeiras.

Ambos tencionavam deixar de lado a trapalhada que envolvia a família Gomes, ela porque estava farta e desejava uma aproximação romântica, ele porque não devia discutir casos ainda em curso com pessoas alheias ao serviço. No entanto, Filipa podia ser uma boa fonte de informação. Que fazer? Não foi necessário decidir pois quer quisessem, quer não, o assunto emergia constantemente a propósito disto e daquilo e acabou por se sobrepor a tudo o resto.

- Ó Luís, diz-me francamente se achas que se tratou de fraude.
- Trocar quadros de pintores famosos por cópias é uma fraude. Falta saber quem a fez e porquê.
- Suponho que tenhas uma opinião sobre isso e adorava que me disseses qual é?
- Eu até dizia, mas na verdade estou confuso. Ora repara, se fosse um roubo encomendado por eles, não valia a pena fazerem cópias. Escondiam as pinturas muito bem escondidas para as venderem a recetadores, reclamavam o dinheiro do seguro e pronto.



- Sendo assim, podemos considerá-los inocentes?
- Não garanto. Talvez tu, que os conheces bem melhor que eu, pudesses ajudar-me a desenrolar este novelo.
- Como?
- Fala-me deles. O Guilherme pareceu-me sincero.
- E é. Lido com ele há anos, sempre o considerei uma pessoa decente, reta, que cumpre escrupulosamente tudo o que combina seja com quem for, nunca o apanhei em falso. E a paixão pelos quadros é genuína.
- Acredito. Mas se percebe tanto de pintura será normal que não visse logo aquilo que o filho viu? O filho que é um miúdo?
- Um miúdo excecional. Inteligentíssimo, observador, rápido, intuitivo. Nunca conheci uma criança assim. Ele capta tudo o que o rodeia no instante em que acontece. Às vezes até me assusta. E a mãe não acha graça nenhuma.
- Devia ficar contente por ter um geniozinho em casa.
- Mas não fica. Não gosta que o gabem, com medo que se torne um convencido, intragável.
- Que reação invulgar. Todas as mães que conheço gostam de ouvir gabar os filhos.
- Pois esta é uma mulher muito original.

— Fala-me dela.

Filipa acenou que sim, mas ficou em silêncio sem saber como defini-la de forma justa, pois apesar de não ter razões de queixa, nunca simpatizara especialmente com ela.

— Então?

— A Marília pensa em si própria antes de tudo o mais. É fútil, é frívola, só se interessa por ginástica, dietas, roupas, viagens.

— E obras de arte, não?

— Nem por sombras. Detesta que o marido gaste dinheiro em quadros e farta-se de barafustar porque achava muito melhor ter um barco, fazer cruzeiros, divertir-se.

— Espera aí, Filipa. O que estás a dizer abre perspectivas. Nós falamos sempre no casal Gomes, mas eles são duas pessoas. E pelos vistos muito diferentes, ou seja ele pode estar inocente e ela não. Aliás, como tudo indica que há gente da casa metida ao barulho, pode ter sido a Marília a conceber o roubo com a ajuda de cúmplices próximos.

— E para quê as cópias?

— Para enganar o marido, vender os originais e ficar com o dinheiro.

- Não tinha pensado nisso. Mas se fosse assim, seria normal fazerem a troca na hora, para que ninguém chegasse a saber.
- E talvez fosse isso que estava combinado. Mas vocês vieram do Algarve mais cedo do que o previsto, não foi?
- Foi.
- Porquê?
- Porque o Guilherme recebeu uma chamada não sei de quem e resolveu antecipar o regresso.
- Aí tens uma das respostas possíveis, ela tinha um plano que falhou.

Filipa ficou calada e pensativa. Seria possível que aquela mulher a quem não faltava nada, que vivia rodeada de conforto e de luxo, roubasse o próprio marido?

- Ainda me custa a crer. Não simpatizo com a Marília, mas não consigo vê-la nesse papel.
- Há muita gente multifacetada, com vidas paralelas. Uma, em que se comportam como cidadãos exemplares, outra em que se dedicam às piores trifulhices. E também há pessoas que se julgam incorruptíveis e num dado momento, pelos motivos mais diversos, procedem como não se sabiam capazes de proceder. Não faltam notícias sobre essa gente na televisão, nos jor-

nais, e incomodam. Mas certas profissões, como é o caso da minha, implicam contacto direto, pessoal, que incomoda muito mais. Temos que criar uma carapaça. E nunca partir do princípio que alguém está acima de toda a suspeita e dispensar as averiguações.

- Compreendo. Diz lá que mais queres saber sobre a Marília.
- Comecemos pela família. Ela tem primos ou amigos muito chegados?
- Nem por isso. É filha única, nunca lhe ouvi referências a pessoas de família e pensando bem, não creio que seja capaz de estabelecer relações de amizade próxima seja com quem for. Os empregados respeitam-na porque não têm outro remédio, mas preferem o Guilherme apesar de o verem muito menos. Ele mantém as distâncias, mas é delicado. Quanto ao filho, não te posso dizer o que sente e pensa porque é tão inteligente como opaco.
- Pensa bem. Classificarias a Marília como uma ilha? Filipa ficou calada por instantes, depois acenou que não.
- Em termos geográficos diria que é uma península. Porque se realmente as outras pessoas lhe são indiferen-

tes, gosta do filho, mantém uma relação intensa com o marido, e estabeleceu cumplicidades com o primo Gaspar. Mas não admira, porque é um tipo simpático, uma presença agradável.

- Casado?
- Não. Até há pouco tempo mudava de namoradas como quem muda de camisa. Agora, por acaso, fixou-se numa Joana, atriz em princípio de carreira, não me lembro do apelido.
- Tem massa?
- Quem?
- O Gaspar?
- Não faço ideia. Mas vive numa casa esplêndida, que herdou dos avós. Moradia com jardim, garagem, à moda antiga.
- E filhos?
- Só há um, aquele que veste em casa dos Gomes. Visita o pai nos dias combinados e passa a vida a ir brincar com o Diogo, o que é ótimo para os dois. Alinhou na mania das filmagens, escondem-se atrás dos sofás, e por baixo das mesas para apanharem aquilo a que eles chamam «cenas secretas». Depois mostram os vídeos um ao outro e fartam-se de rir.

- Mostraram-te esses vídeos?
- Não.

Desta vez foi Luís quem ficou pensativo uns instantes. Depois fez um pedido inesperado.

- Serias capaz de convencer os miúdos a deixarem-te copiar os vídeos para um computador e depois trazer-mos numa *pen* ?
- Para quê?
- Para eu dar uma olhadela. Quando se investigam casos bicudos não podemos desperdiçar nada e ninguém nos garante que pelo meio das tais cenas que filmaram às escondidas não haja imagens que me sirvam de pista. Que tal, Filipa? Consegues convencê-los?
- Acho que sim. Amanhã vou estar com ambos e logo vejo se é melhor pedir-lhes os vídeos ou fazer a cópia quando estiverem entretidos com outra coisa qualquer.
- Ótimo. Prepara-te, não falhes e logo que tenhas a *pen* liga-me que venho buscá-la sem demora.

O jantar terminou com ele bastante entusiasmado e ela dividida entre o desejo de lhe ser útil, o receio de imprevistos que a impedissem de cumprir o prometido e a desilusão por terem estado tanto tempo juntos sem se deixarem absorver nem um minuto pela doce atmosfera de romantismo.

Capítulo 11



Os vídeos de Diogo, Bruno

Quando Luís recebeu uma mensagem da Filipa a anunciar que já tinha copiado os vídeos, ligou-lhe imediatamente a dizer que ia ter com ela.

- A que horas é que te apanho em casa?
- À hora que te der jeito porque já cá estou. Tenho de acabar um trabalho para a professora de marketing e interrompo quando chegares.
- Então prepara-te, que dentro de vinte minutos toco à porta.
- Vê lá se te estampas pelo caminho.
- Que ideia! Agora não há trânsito, vou pela autoestrada, é um instante.

De facto, não demorou muito mais do que vinte minutos e entrou-lhe pela porta dentro disposto a lançar-se sobre o computador sem prestar atenção a mais nada. O que lhe foi impossível, pois o pequeno apartamento, bem engraçado por sinal, estava atafalhado de livros e dossiês numa tão completa desordem que ele, adepto fervoroso do minimalismo, pasmou.

— Tu consegues trabalhar assim?

— Assim, como?

— No meio desta confusão?

— Confusão nenhuma. Sei perfeitamente onde está tudo aquilo de que preciso.

— Tem graça, sempre pensei que fosses uma rapariga com a mania das arrumações.

— E não te enganaste. Sou arrumadíssima, à minha maneira.

— Sim, claro.

A pressa ficara em suspenso não só devido às pilhas de livros de estudo e dossiês, mas também à extraordinária quantidade de objetos sem utilidade aparente que se espalhavam pela sala, às fotografias sem moldura a encaracolarem-se pelos cantos, à estante onde romances e livros de poesia lutavam pelo espaço a que tinham direito, uns en-

caixados ao alto, outros ao baixo. Filipa, habituada a que outros amigos reagissem de forma idêntica quando ali entravam pela primeira vez, divertiu-se a observá-lo e deu-lhe tempo para se recompor do espanto.

- Luís, tenho mais que fazer. Puxa uma cadeira e senta-te ao pé de mim para vermos isto.
- Já deste uma espreitadela, não?
- Não. Estive com os miúdos ontem à noite e só consegui convencê-los muito tarde, porque insistiam em me mostrar o filme depois de o montarem de acordo com um guião que o Diogo inventou. Quando cheguei a casa estava morta de sono, hoje mergulhei no meu trabalho a fundo e também não valia a pena ir dar espreitadelas às «cenas secretas» porque não sei o que procuras.
- Nem eu. Tenho de as ver para identificar possíveis pistas.

Instalara-se perto, estendeu o braço por cima das costas da cadeira de Filipa, a proximidade excessiva convidava a um encosto de cabeças diante do ecrã, que não se concretizou por prudência.

- Liga lá isso, vá.

A primeira cena que apareceu não podia ser mais inesperada. O Dr. Guilherme Gomes, empresário de sucesso,



coleccionador de pintura, acabava de entrar na sua cozinha, muito bem vestido, muito sério e o filho escondido algures, apanhara-o a enfiar os dedos numa taça de *mousse* de chocolate, que depois lambeu com ar deliciado. A seguir, tal qual uma criança receando a ira materna, alisou a superfície da mousse, voltou a lamber os dedos e saiu da cozinha retomando a pose de adulto.

— Não admira que os miúdos rissem à gargalhada — comentou a Filipa atónita —, nunca me passaria pela cabeça que este homem, sempre tão formal, fosse capaz de uma destas.

— Eu não te disse? Toda a gente tem facetas ocultas. Algumas são inocentes, outras nem tanto. Mostra a próxima.

A figura de uma mulher bonita e elegante que nenhum deles conhecia encheu o ecrã. Impressionava pela postura e pelo requinte, desagradava pelo arzinho superior de quem se julga acima dos outros. Diogo, certamente fora o Diogo, tinha-a filmado a entrar no jardim, depois no sofá e por fim, o malandro, com certeza muito bem escondido, captara-lhe imagens dos pés debaixo da mesa da sala de jantar. E não é que se descalçava e tinha as meias rotas?

— Ora aí está o *calcanhar de Aquiles* desta senhora!

- Imagino o que os rapazes riram.
- Esse Dioguinho, minha querida, é realmente um miúdo especial. Vai dar que falar.
- Quanto a isso, nunca tive dúvidas.

A sessão prosseguiu com as ditas cenas secretas a revelarem fragilidades humanas e uma série de pateticos sem interesse de maior. Luís desanimava, mas de súbito agitou-se.

- Hei, para aí! Volta atrás!

Debruçado sobre o ecrã, fixou-se nas duas cabeças de homem que espreitavam pela porta de uma garagem como se quisessem certificar-se de que ninguém os via. Depois saíram ambos para o jardim, um deles acionou o comando e a porta fechou-se. Em seguida conferenciaram na atitude de quem conspira.

- Stop, Filipa! Preciso de os ver melhor, anda com isso para trás.

Ela fez recuar a cena, voltou a passá-la, parou quando ele lhe pediu:

- Conheces este sítio?
- Conheço. É a garagem da casa do Gaspar, que aliás está aí, à esquerda. O homem da direita não sei quem é.
- Mas eu talvez saiba. Fixa a imagem e faz *zoom* à cara.

A face, de pele clara parcialmente coberta por barba e bigode que descaía sobre o lábio superior, apresentava olhos de um azul intenso, sobrancelhas em bico, cabelo liso, grosso e muito escuro. Luís concentrou-se a observar aquele indivíduo e permaneceu em silêncio até ser interrompido pela amiga.

— Então?

— Olha os sinais.

Apontou o bigode que ocultava parcialmente dois sinais grandes redondos, situados um pouco abaixo do nariz.

— Cacei-o pelos sinais.

— Explica-te, que não estou a perceber nada.

Luís ergueu-se e foi explicando já a caminho da porta.

— Esse tipo é um falsário. Copia obras de arte e vende-as como se fossem verdadeiras. Vi a fotografia dele nos arquivos da polícia aqui há tempos porque aldrabou uns clientes da minha e de outras seguradoras. Foi apanhado, chegou a ser preso, quando saiu eclipsou-se mas pelos vistos agora retomou a atividade. De nada lhe serviu deixar crescer a barba e pintar o cabelo, porque os sinais denunciam-no. Vou imediatamente à polícia.

— Achas que foi ele a fazer as cópias dos quadros do Guilherme?

— Não posso ter a certeza, mas desconfio que sim e preciso de averiguar com urgência. Dá-me a *pen* onde gravaste as cenas. Logo que eu puder, ligo-te.

Saiu porta fora e ela ficou no meio da sala como que perdida. Seria possível que o simpático e insinuante Gaspar fizesse negociatas com aldrabões? E teria coragem de enganar os primos? Ou, conforme a hipótese aventada pelo Luís, tratar-se-ia de um roubo combinado? Nesse caso, os Gomes de quem ela sempre tanto gostara, eram burlões desonestos.

— Se for assim, coitados dos miúdos!

Quis distrair-se a trabalhar mas não conseguia libertar-se dos pensamentos que a assaltavam num torvelinho. Acabou por se afundar em almofadas a olhar para o teto e a reconstituir mentalmente o caso. E ora lhe parecia que eram todos culpados, ora pensava que talvez só alguns, ora admitia que se tratasse de um equívoco e estivessem todos inocentes.

— Há muita gente com sinais na cara. O tipo pode não ser o tal falsário.

Por muito que desejasse agarrar-se a essa explicação, a atitude conspirativa evidente na altura de fecharem a garagem adensava as dúvidas.

— Vou ver outra vez a cena no computador.

Afinal não viu só uma vez, viu várias. E quanto mais via, mais desconfiava e inquieta ficava. Ocorreu-lhe então que Luís nem analisara as cenas seguintes e decidiu fazê-lo. Só havia mais uma, em que figuravam Gaspar e Joana filmados a grande distância, mas não saberia dizer onde. Durante quase todo o tempo, ela gesticulava, ele ouvia e andavam ambos de um lado para o outro sem parar. A certa altura Joana parou de falar, atirou-se-lhe ao pescoço e abraçou-o. Mas havia algo de teatral naquele abraço.

— A Joana também está metida nesta moscambilha?

Capítulo 12



Pinceloto

Luís precipitou-se ao encontro do simpático inspetor Zé Maria da Judiciária, que Ricardo lhe tinha apresentado, para mostrar o vídeo e confirmar a identidade do homem em quem julgara reconhecer o falsário conhecido pela alcunha de *Pinceloto*. Não foi difícil, porque no arquivo digital havia várias fotografias dele, sendo que em algumas aparecia loiro, noutras moreno, ora com barba e bigode, ora com o cabelo rapado. Pelos vistos nunca lhe ocorrera remover os sinais redondos por baixo do nariz apesar de serem um poderoso elemento de identificação.

- Talvez julgue que com a barba pode camuflá-los.
- Ou então é parvo.

- Parvo será, mas não lhe falta talento para a pintura.
- Que injustiça! — balbuciou Luís — Tivesse eu esse talento, e garanto-te que não copiava o trabalho de ninguém. Não percebo por que raio um tipo capaz de pintar não se entrega à sua arte.
- Arte, Luís? O tipo quer é dinheiro. Se apresentar uma tela assinada por ele, vende-a por tuta e meia. Mas se apresentar um Picasso ou um Miró, recebe milhões.
- E vai preso.
- Já foi e já cá está fora, não é?
- Agora só vai preso outra vez se o apanharmos e provarmos que está envolvido nesta trama que roça o absurdo. Temos de tratar do assunto o mais depressa possível. Começamos por uma vistoria à garagem e depois se necessário, à casa desse tal Gaspar. A experiência diz-me que os quadros originais é lá que estão. Sabes a morada?
- Não sei, mas isso não é problema, pergunto à amiga que me arranjou os vídeos.
- Força, Luís. Despacha-te.

Obtida a morada, Zé Maria informou que ia tratar de pedir um mandato de busca e de apreensão emitido por despacho de um juiz.

- É rápido?
- Depende. Entretanto podias ajudar-me.
- Como?
- Estaciona lá perto e ficas alerta, de modo a veres tudo o que se passa em volta sem ninguém te ver a ti. Caso haja movimentos suspeitos, avisa-me.
- Em que tipo de movimentos estás a pensar?
- Há muitas hipóteses, mas o que estou a pensar é no dono da casa e no *Pinceloto* ou em alguém por eles a porem-se ao fresco com a famosa coleção de pintura. Importas-te de ficar de vigia?
- Até acho piada.
- Olha que depois não podes intervir.
- Eu sei. Mas já que descobri esta pista quero envolver-me e nada me impede de assistir à distância como mirones anónimo.
- Arranjo-te melhor papel. Para estas buscas são precisas testemunhas, há-de assistir de perto.

Separaram-se bastante alvoroçados mas nada foi tão rápido quanto desejavam. A casa de Gaspar encontrava-se deserta quando a polícia judiciária finalmente lá chegou. Os inspetores hesitaram entre apresentarem o mandato a um vizinho e arrombarem as portas conforme a lei permite,



ou optarem pela espera na intenção de, a confirmarem-se as suspeitas, capturarem os autores da fraude. Decidiram-se pela segunda via e fizeram bem. Gaspar regressou a casa na companhia de Joana e foram intercetados pela polícia no jardim. Curiosamente, pelo menos ela, não se mostrou nervosa nem incomodada quando percebeu ao que vinham.

— Querem vasculhar a garagem? Para quê?

Ele reagiu na defensiva.

— Não tenho nada a esconder, mas na minha garagem e na minha casa só entram com um mandato de busca.

— Seja. Aí o tem.

Imóvel e pálido, leu e releu o papel como se quisesse ganhar tempo. Joana, apercebendo-se que a insegurança do companheiro se estava a tornar demasiado evidente, tirou-lhe o comando do bolso e avançou em direção à porta.

— Se querem ver a tua garagem malcheirosa, que vejam!

Acionou o comando e fez sinal para entrarem à maneira de quem realmente não tem nada a esconder.

— Façam favor de entrar!

O interior, bastante escuro e abafado, exalava de facto um cheiro forte e desagradável. Joana, sempre a armar em dona de casa, acendeu as lâmpadas do teto e foi descrevendo

o espaço e as peças espalhadas junto às paredes manchadas de humidade.

- Aí no meio é o sítio para o carro. Além, há um monte de bicicletas velhas e uma pequena do miúdo, do Bruno. O resto, como veem são latas, pneus, porcarias que o Gaspar nunca mais se decide a deitar fora e alguns restos de lenha que sobrou do Inverno.

Os inspetores, de cabeça no ar, perscrutavam o teto e as paredes em silêncio. Luís, na qualidade de testemunha, mantinha-se à parte, muito calado, muito pensativo. O tempo em que estivera de vigia permitira-lhe observar em pormenor a casa, o jardim e a garagem. Por isso mesmo foi o primeiro a aperceber-se de que havia uma discrepância entre o espaço exterior e interior da garagem, porque se a largura parecia idêntica, quanto ao comprimento o tamanho não correspondia.

Então, quando todos se preparavam para retirar, aproximou-se da parede do fundo tanto ou mais coberta de manchas de humidade como as outras e bateu-lhe com os nós dos dedos, provocando um *toc toc* que não deixava dúvidas: a parede era de madeira e protegia um fundo falso.

- Que é isto, Gaspar? — perguntou Joana com a surpresa estampada na cara.

Ele enfureceu-se e ripostou.

- Ai queres fingir que não sabes? Resolveste saltar fora da carroça depois de me teres dado a volta à cabeça e de teres organizado tudo? Nem penses!

Num arranque de verdadeira raiva, agarrou-a pelos ombros e sacudiu-a com força.

- Acabou, Joana! Fomos apanhados e eu não vou arcar com as culpas sozinho! Tu e o teu amigalhaço *Pinceloto* não se safam.

Os inspetores já se tinham dividido em dois grupos, um a guardar a porta para que ninguém saísse, outro a examinar a parede falsa que depressa descobriram rodar sobre um eixo deixando à vista o compartimento onde se encontravam as telas assinadas por pintores famosíssimos.

- Ora aí está, agora sim, a coleção do Dr. Guilherme Gomes!
- Os senhores têm muito que explicar.
- E para já, antes de mais, tratem de nos dar as indicações necessárias para irmos buscar o vosso cúmplice, esse *Pinceloto*, que pelos vistos, além de copiar quadros, também se revela exímio na cópia de manchas de humidade e de mofo.

Gaspar resmungou em voz baixa:



— Quadros, paredes e cenários. Vão buscá-lo a esta morada, que a esta hora deve andar por lá nos bastidores do teatro.

Joana, não tornara a abrir a boca. Luís exultava, sem se manifestar. Dali, seguiram todos para as instalações da Judiária.

Capítulo 13



Pinceloto e Joana

Pinceloto, cujo nome verdadeiro era Raul Videira, foi apanhado de surpresa no momento em que se preparava para dar o último retoque num cenário de colorido estonteante que levou o inspetor a pensar exatamente o mesmo que Luís Cunha.

- Por que motivo um indivíduo com este talento extraordinário para a pintura, copia quadros alheios em vez de apostar na sua própria carreira?

Não formulara em voz alta a pergunta óbvia que pouco adiantaria, mas de caminho para as instalações da Judiciária, ambos em silêncio no banco de trás, voltou a pensar no assunto e ocorreu-lhe uma explicação plausível que também guardou para si.

— Talvez domine a técnica, mas lhe falte a imaginação para conceber os temas que há-de pintar. Ou então é apenas idiota.

O interrogatório a que os três detidos foram sujeitos acabou por ser mais fácil do que se supunha porque Gaspar enervado e a sentir-se traído pela namorada que tentara atirar com toda a culpa para cima dele, desbobinou a história do princípio ao fim, sem ocultar o mínimo pormenor. E acusou-a de o ter influenciado, de o ter manipulado, de o ter convencido a roubar o primo, crime que antes de a conhecer nunca lhe passaria pela cabeça.

— Envenenou-me. Convenceu-me de que não era justo o Guilherme ter ficado tão rico à conta de uma fábrica de sapatos que era do nosso avô.

A referência a uma fábrica de sapatos de que ninguém na Judiciária tinha ouvido falar deixou os inspetores perplexos e o que conduzia o interrogatório exigiu explicações. Talvez ansioso por se ver livre daquele enredo que no fundo sempre o incomodara, Gaspar despejou a história toda do princípio ao fim, numa catadupa de palavras que Joana em vão tentou interromper.

— Eu vendi a minha parte da fábrica porque quis, o Guilherme é que a transformou num negócio rentável.

Se ganhou milhares ou milhões são dele e só dele. Nunca lhe cobicei a fortuna até cair nas malhas desta rapariga diabólica.

- Coitadinho, és tão novinho, tão ingénuo, tão inocente!
- Cala-te, estúpida! Claro que tenho idade para ter juízo e para saber o que quero. Mas caí nas tuas garras, nas tuas armadilhas e deixei-me levar. Quem me dera poder voltar atrás!

Pinceloto mantinha-se em silêncio. Assistiu à cena como se estivesse sentado na plateia a ver aquela gente toda representar. Mas no fim foi ele quem num tom neutro e desligado forneceu os detalhes do esquema que tinham montado juntos.

- A ideia partiu da Joana. Conhecemo-nos no teatro, gostou dos meus cenários, palavra puxa palavra soube que eu tinha estado preso por falsificar quadros de pintores famosos; terá ficado a matutar no assunto e um dia apresentou-me uma proposta irrecusável: fazer cópias dos quadros da coleção do Guilherme Gomes e trocá-las pelos originais. Assim, o dono nunca saberia que tinha sido roubado e nós os três vendíamos os verdadeiros a colecionadores com quem tenho contactos e dividíamos os milhões pelos três.



Joana tentou interrompê-lo, mas ele cortou-lhe a palavra com um olhar frio e um gesto seco.

- É preciso saber quando se perde a parada. Fomos apanhados, estamos todos envolvidos, mas o Gaspar disse a verdade, a ideia foi tua. Aliás as ideias. Foste tu quem



se lembrou do esquema. Foste tu a entregar-me as fotografias dos quadros para eu copiar. Foste tu a sugerir que realizasse o trabalho na garagem do Gaspar, onde montámos o cenário da parede do fundo para dispormos de um lugar seguro contra olhares indiscretos.

E também foste tu a obter o código dos alarmes, as chaves das portas, a data em que os Gomes iam para o Algarve e deixavam o caminho livre.

Até então falara de frente para ela, de súbito porém virou-se para os inspetores e esboçou um sorriso irónico.

— Esta rapariga tem uma imaginação delirante. Se falhar como atriz, pode passar a argumentista.

O inesperado remate para a confissão emudeceu todos os presentes na sala onde decorria o interrogatório, mas pouco depois, o inspetor encarregado de registar o que ali se dissesse, perguntou:

— Se o projeto era substituírem os quadros originais pelas cópias, por que motivo só fizeram a troca alguns dias depois?

— Porque eu preferi dar os últimos retoques com os originais à vista. Os Gomes estavam no Algarve, tínhamos tempo para tratar do assunto. Foi um azar regressarem mais cedo. Mas a Joana é uma mulher de iniciativas, organizou uma jantarada para podermos por o nosso plano em prática. Era um bom plano, pena ter falhado.

O à vontade e a desfaçatez incomodaram Gaspar e encantaram a Joana.

- Como é que me deixei levar por estes tipos? — pensava ele.
- O *Pinceloto*, é um homem ousado — pensava ela — Não sei o que se segue, mas a vida dá muitas voltas e palpi-ta-me que havemos de nos reencontrar.

Capítulo 14



Astolfo e Filipa

Luís Cunha deslocou-se de novo a casa dos Gomes depois de a Judiciária lhes ter devolvido a coleção de pintura. Encontrou-os profundamente abalados, mas muito mais próximos e unidos do que nos encontros anteriores. Ambos manifestaram igual revolta por terem sido vítimas daquela inqualificável tentativa de roubo, ambos repetiram até à exaustão quanto lhes custara saber que o Gaspar, primo e amigo com quem mantinham tão boas relações, não hesitara em vigarizá-los, ambos comentaram vezes sem conta os pormenores da triste história. E foi com alívio imenso e imensa alegria que prestaram apoio necessário à reava-

liação dos quadros, congratulando-se tanto um como outro por reaverem as pinturas originais.

Depois de terminados os procedimentos da praxe, despediram-se de forma simpática e calorosa.

Luís acenou-lhes uma última vez de dentro do carro, eles corresponderam acenando também do alpendre onde permaneciam abraçados, sem pressa, como um casal feliz.

A tarde caía em tons de ouro, azul e rosa, que convidavam a um passeio à beira mar.

— Mas sozinho? Sozinho não tem a menor graça.

Arrancou para se afastar daquele bairro, mas adiante inverteu a marcha rumo ao apartamento da Filipa.

— Vou buscá-la para assistirmos juntos ao pôr-do-sol.

O coração tinha disparado contra a sua vontade e as fontes latejavam num inequívoco sinal de alarme. Demasiado satisfeito com o papel que desempenhara naquele caso, inspirado pela visão dos Gomes subitamente felizes e unidos a dizerem-lhe adeus, consciente do perigo que representava um passeio romântico à hora bendita em que o sol mergulhara no mar e confere um toque irreal à paisagem, hesitou.

— Ligo-lhe? Não ligo? Será melhor ir-me embora e falarmos amanhã?

A brisa doce, com cheiro a maresia, rumorejando nas copas das árvores que lhe ativava o *outro eu* impediu-o de resistir à tentação e foi buscá-la.

Vaguearam lado a lado até escurecer. Debateram longamente os detalhes do estranho caso que os levava a formar equipa para ajudar a deslindar uma burla. E desdobraram-se em comentários sobre as pessoas envolvidas.

Sim, o Gaspar revelara-se um fraco. E a Joana, quem diria, hã? Manipuladora até dizer basta. E o «Pinceloto»? Que criatura bizarra. Quanto ao Diogo, chegará algum dia a saber qual a importância das suas filmagens para o esclarecimento do caso? E o Bruno, coitado! Ah! Os Gomes tencionavam convidá-lo para passar férias. Ainda bem, coitadinho. A Marília no fundo não é má pessoa. Pois não, e havias de a ver tão solidária com o marido. Nunca percebi aquele casamento, mas de facto parecem gostar um do outro. Falta saber se a harmonia será duradoura. Pois, isso nunca se sabe.

Estes e outros comentários que foram fazendo paradoxalmente soavam dispensáveis e falsos pois, na verdade, desejavam abordar assuntos bem diferentes.

A claridade quase se desvanecera por completo, no céu limpo brilhava uma lua em quarto crescente, solitária, sugestiva, digna das mil e uma noites. Luís passou o braço por cima dos ombros da Filipa e caminharam um pouco mais em silêncio, embalados pelo suave barulho das ondas do mar que vinham morrer na areia.



- Gostavas de conhecer a minha casa, Filipa?
- Já te disse que sim.
- Então tenho de te levar até lá. E se se proporcionar
aproveito e conto-te um segredo que tem nome.
- Que nome?
- Astolfo.



